SENHOR, QUEM DIZES QUE EU SOU?

CADERNO DE TEMAS 2024_2025

EJNS
PORTUGAL

SENHOR, QUEM DIZES QUE EU SOU?

CADERNO DE TEMAS 2024_2025

© 2024 Equipas de Jovens de Nossa Senhora

Equipas de Jovens de Nossa Senhora
Rua do Centro Cultural, n 5, R/C, Salas 9 e 11
1700-106 Lisboa

ejns.pt

Agradecemos a todos os que ajudaram as EJNS a preparar este caderno.

Padre Thomaz Fernández

Manuel Moutinho

Diogo Maria

Tomás Virtuoso

António Pedro Barreiro

Carminho Ramalho

Padre Duarte Andrade e Sousa

Afonso Duarte

ÍNDICE
CADERNO DE TEMAS 2024-2025

Setembro Que valor tem o Mundo? **17**

Outubro Que valor tem o Homem? **31**

Novembro A ira ou o perdão? **43**

Dezembro O Senhor vos dará um sinal **59**

Janeiro Para quem sou eu? **77**

Fevereiro Quem é Deus? **91**

Março O corpo entregue e o sangue derramado **105**

Abril Nada te perturbe **121**

Maio Louvar, reverenciar e servir **137**

Junho Movidos pela graça **151**

Julho Balanço **161**

APRESENTAÇÃO

Os livros da Bíblia não são livros velhos com uma "moral da história" importante. Os livros da Bíblia têm histórias sem as quais **não somos capazes de nos perceber a nós próprios**.

Pode, à primeira vista, parecer exagero, mas a verdade é que a grande pergunta a que a tradição cristã – incluindo o Antigo Testamento – quer responder tem precisamente que ver com isso: o que significa ser pessoa, diante dos outros, diante do mundo e diante de Deus?

Talvez não seja difícil concordarmos no facto de que ser pessoa é muito mais do que ser um conjunto de átomos organizados em biomoléculas e em tecidos e num corpo físico. Essa "organização" da matéria que nos compõe – a nós e ao mundo que nos envolve – é aquilo que a ciência pretende estudar. E muito temos a agradecer aos grandes cientistas que nos precederam e que ainda hoje fazem avançar o conhecimento! Mas, por muito conhecimento que tenhamos acerca dos factos, permanecem as grandes perguntas: **o que é isto que somos? Que valor temos? O que significa que habitemos este mundo uns com os outros? Qual o sentido da relação que podemos ter com Deus?**

E é aí que os livros da Bíblia são relevantes. Eles são a sabedoria acumulada de gerações e gerações de homens e mulheres que se detiveram a fazer estas perguntas, que olharam "para o alto" à procura de respostas, e que captaram alguma coisa acerca de Deus e do que Ele quis revelar-nos. Toda esta informação acumulada – o que perguntámos, o que Deus nos respondeu, o que captámos acerca d'Ele e o que Ele comunicou de Si mesmo – está hoje depositada não em ficheiros excel ou em tratados académicos, mas em histórias, que os vários livros e capítulos bíblicos armazenam fielmente, através dos séculos.

Neste sentido, o que as EJNS propõe este ano é que entremos numa viagem de profundidade à procura de conhecer esse "armazém" que são as histórias da Bíblia. Não vamos à procura apenas da "moral da história", vamos querer ir mais fundo e começar a compreender todo o alcance destes textos.

REUNIÃO DE EQUIPA

PARA QUEM JÁ NÃO SE LEMBRA DA PILOTAGEM

Sabemos que, ao longo dos anos, as equipas têm tendência a definir o seu próprio esquema de reunião. Contudo, também sabemos que nem sempre cumpre objetivos definidos pelas EJNS. Perdendo-se a dedicação na preparação ou o compromisso na ação, facilmente se confunde o momento mais importante que o Movimento propõe como "mais um evento" marcado na agenda (quando marcado) e, assim se perde a essência daquele tesouro que Nossa Senhora nos entregou: a reunião de EJNS! Assim, aproveitando a exigência dos conteúdos deste caderno, vimos incentivar a exigência na sua utilização. Porque sim, é suposto usares este caderno (leres, escreveres, sublinhares, registar para mais tarde recordar).

ANTES

1. **Procurar saber qual é o tema que vai ser apresentado.** Sair mais esclarecido e mais preparado para a vida cristã depende do estudo prévio do tema.
2. Preparar a partilha.

DURANTE

JANTAR

Parte integrante do processo de crescimento passa por cumprir o que é estabelecido por todos, nomeadamente, o horário do jantar.

> *«Aquilo que é uma verdadeira Equipa nota-se aqui, quando todos se coordenam para ajudar a terminar o jantar a boas horas, arrumar a loiça e preparar o espaço para a oração, o momento que vai marcar o propósito pelo qual ali se reúnem.»*
>
> P. Henri Caffarel

ORAÇÃO INICIAL

É suposto que a oração mude radicalmente o ambiente. Deve haver um tempo de silêncio e concentração para que todos se possam colocar na presença de Deus, convidando a que vos ilumine.

TEMA

Uma reunião pode ser uma noite que fortalece para os desafios das próximas 30 noite, ou pode ser uma noite superficial que no dia seguinte deixa apenas cansaço.... depende de cada um, depende de ti! É suposto que cada tema seja enriquecido pela individualidade de cada membro. Cada qual tem direito a abordar um assunto de forma mais racional, sentimental, artística, silenciosa ou dinâmica. E nesta diversidade se constrói a Igreja.

PARTILHA

Algo único que se vive no nosso Movimento. Aqui é onde podes sentir a comunidade fraterna que te escuta e apoia em todas as circunstâncias. Sê verdadeiro: não é suposto ser um relatório mensal, mas uma oportunidade para dar voz ao que carregas dentro. Se não mexeres nesses assuntos profundos, como queres que Deus encontre espaço para habitá-los com a Sua luz? Cada pessoa foi escolhida a dedo para estar ali contigo. Escuta o que os outros dizem: dizem os mais velhos que Deus nos deu dois ouvidos e uma boca para ouvirmos o dobro do que falamos!

PONTO DE ESFORÇO

Por fim, tendo em conta as necessidades abordadas pelos diferentes membros nas suas partilhas, escolhe-se um desafio para ser vivido até à próxima reunião: o ponto de esforço. Pode servir-se das sugestões apresentadas ou escolher um diferente em equipa. São Josemaria referia-se às coisas que no imediato nos conduzem a Ele como "práticas de piedade":

> *«Não se deverão transformar as práticas de piedade em normas rígidas ou em compartimentos estanques. Indicam um itinerário flexível, acomodado à tua condição de homem que vive uma vida comum, com trabalho profissional intenso e com deveres e relações sociais que não podes descuidar, porque é nessas ocupações que prossegue o teu encontro com Deus.»*
>
> São Josemaria Escrivá

ORAÇÃO FINAL

Tudo começa e acaba na oração. Não se ignore o facto radical, que é: O Senhor falou! Juntos deem graças pela presença de Cristo que passa, que vive e que nos quer vivos!

DEPOIS

Deves sentir paz, agradecimento e ânimo! Voluntaria-te para as tarefas necessárias, atenta às atividades que o Movimento tem para oferecer e leva a equipa a participar contigo.

Encontrar Cristo quer dizer, em primeiro lugar, pôr-se à escuta d'Aquele que se sabe estar ali. Ele fala-nos na Escritura — por isso amamos a Palavra de Deus. Fala-nos através dos ensinamentos da Igreja elaborados, a pouco e pouco, através da sua meditação da Bíblia. Fala-nos do fundo do coração daquele irmão ou daquela irmã, mas muitas vezes é necessário perceber para lá das palavras. Fala de diferentes maneiras durante a reunião, mas é preciso ter "um coração que escuta", segundo a expressão bíblica. Fala para fazer confidências a cada um, para revelar o Pai e o seu grande desígnio, para convidar à conversão (nunca acabamos de nos converter), fala para nos lançar em auxílio dos outros... fala, e tem-se a impressão de que tudo isso é muito difícil de pôr em prática. Tanto mais que Ele não Se contenta com falar, mas transforma aqueles que confessam a sua impotência dando-lhes esse Espírito de Força que fez de simples aldeões da Galileia incansáveis testemunhas do Salvador.

P. Henri Caffarel

Carta das Equipas de Nossa Senhora
Março-Abril de 1973

J. Kirk Richards – Lights in the Heaven

1_Set

QUE VALOR TEM O MUNDO?

A Criação é o ato de Deus que deu origem a tudo o que existe, trazendo todas as coisas à existência a partir do nada. Nesse sentido, ela reflete o poder e a liberdade de Deus, que criou o mundo para partilhar a sua bondade e o seu amor. Distinta de Deus, a Criação precisa de ser sustentada por Ele a cada instante. No entanto, ainda não está completa e caminha para um desfecho onde tudo será levado à perfeição, com Cristo como o ponto central dessa união final entre Deus e suas criaturas.

PARA COMEÇAR

Consagração ao Imaculado Coração de Maria

Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe,
ao vosso Coração Imaculado nos consagramos,
em ato de entrega total ao Senhor.
Por Vós seremos levados a Cristo.
Por Ele e com Ele seremos levados ao Pai.
Caminharemos à luz da fé
e faremos tudo para que o mundo creia
que Jesus Cristo é o Enviado do Pai.
Com Ele queremos levar o Amor e a Salvação
até aos confins do mundo.
Sob a proteção do vosso Coração Imaculado
seremos um só povo com Cristo.
Seremos testemunhas da Sua ressurreição.
Por Ele seremos levados ao Pai,
para glória da Santíssima Trindade,
a Quem adoramos, louvamos e bendizemos.
Amen.

“NO PRINCÍPIO, DEUS...”

Do Livro dos Génesis

Gn 1, 1 1No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, 2a terra era
informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus
movia-se sobre a superfície das águas. 3Deus disse: Faça-se a
luz.» E a luz foi feita. 4Deus viu que a luz era boa e separou a luz
das trevas. 5Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim,
surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia. 6Deus
disse: «Haja um firmamento entre as águas, para as manter
separadas umas das outras.» E assim aconteceu. 7Deus fez o
firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamen-
to das que estavam por cima do firmamento. 8Deus chamou
céus ao firmamento. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a
manhã: foi o segundo dia. 9Deus disse: «Reúnam-se as águas
que estão debaixo dos céus, num único lugar, a fim de aparecer
a terra seca.» E assim aconteceu. 10Deus chamou terra à parte
sólida, e mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era
bom. 11Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com se-
mente, árvores frutíferas que deem fruto sobre a terra, segundo
as suas espécies, e contendo semente.» E assim aconteceu. 12A
terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua es-
pécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a res-
petiva semente. Deus viu que isto era bom. 13Assim, surgiu a
tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia. 14Deus disse:
«Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da
noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e
os anos; 15servirão também de luzeiros no firmamento dos céus,
para iluminarem a Terra.» E assim aconteceu. 16Deus fez dois
grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para
presidir à noite; fez também as estrelas. 17Deus colocou-os no
firmamento dos céus para iluminarem a Terra, 18para presidi-
rem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus

viu que isto era bom. [19]Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quarto dia. [20]Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus.» [21]Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves aladas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom. [22]Deus abençoou-
-os, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra.» [23]Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quinto dia. [24]Deus disse: «Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies.» E assim aconteceu. [25]Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.

Do Evangelho segundo São João

Jo 1, [1]No princípio era o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. [2]No princípio Ele estava em Deus. [3]Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. [4]Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens. [5]A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam. [6]Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. [7]Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. [8]Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz. [9]O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. [10]Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. [11]Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. [12]Mas, a quantos o receberam, aos que nele creem, deu-lhes o

poder de se tornarem filhos de Deus. [13]Estes não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem da vontade de um homem, mas sim de Deus. [14]E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade. [15]João deu testemunho dele ao clamar: «Este era aquele de quem eu disse: 'O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim.'» [16]Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças. [17]É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo. [18]A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.

A CRIAÇÃO

A origem do universo e do ser humano é uma questão presente em todas as culturas e tradições religiosas. O ser humano tem, ao longo dos séculos, dado várias explicações sobre a mesma. Mais recentemente, as ciências empíricas, nomeadamente a cosmologia, também se interessaram pela referida questão. Mas apenas a fé cristã oferece a resposta derradeira, pois não se baseia em esforços humanos, mas na Revelação do único Deus verdadeiro.

"No princípio, Deus fez os céus e a terra". Assim começa a Bíblia e o caderno das EJNS deste ano. No primeiro capítulo do livro do Génesis (do grego Γένεσις, "origens") lemos o relato da criação, que é o nosso tema.

O QUE É A CRIAÇÃO?

Criação pode significar duas coisas. Primeiro, é o ato de Deus que dá origem à realidade. Segundo, é a realidade originada pelo ato criador de Deus. A Sagrada Escritura ensina que Deus deu origem a tudo o que existe fora d'Ele. Não existe mais nada – nem forças, nem energias, nem espíritos – para além desta dupla possibilidade: ou é Deus ou foi Deus que fez.

No sentido estrito, Deus é o único criador. O homem pode transformar a matéria, pode conjugar ideias de forma original, mas em absoluto, não pode dar origem a nada. No Antigo Testamento, o verbo criar – בָּרָא (*bará*, lê-se da direita para a esquerda) – só tem Deus por sujeito. Criar é trazer à existência aquilo que – em absoluto – não existia. Por isso diz-se que Deus criou *ex nihilo*, ou seja, do nada. Esta ação pressupõe a omnipotência divina. Também implica que a criação não é nem uma parte nem uma emanação de Deus, como querem as teorias panteístas defender, mas algo radicalmente distinto.

Deus cria com plena liberdade, porque quer comunicar a sua bondade e manifestar a sua glória, para fazer participar as suas criaturas do seu ser, da sua vida, da sua sabedoria, da sua bondade, da sua alegria. Em suma, porque é bom.

A totalidade daquilo que existe depende de Deus. A criação não é apenas um "dar origem", mas inclui um "manter na existência". Para levantar um papagaio de papel preciso de vento. Mas continuo a precisar de vento para o papagaio se manter no ar. Se o vento parar, o papagaio cai por terra. Assim, para a realidade permanecer na existência (e não desaparecer no nada) é preciso que Deus continuamente a sustenha no ser. Em cada instante Deus pensa tudo aquilo que existe – a mim e a ti tam-

bém – e mantém o seu "faça-se", como no momento primordial da criação.

A criação é maravilhosa, mas não está ainda acabada. Para a conduzir à perfeição, Deus colocou nas criaturas dinamismos próprios de desenvolvimento e interação (leis físicas, químicas, biológicas, capacidades humanas, etc.). Também o homem faz parte deste plano. É a ele que Deus confia o mundo, para que o explore de forma racional e seja seu colaborador ativo. Ao plano de Deus que conduz infalivelmente todos os acontecimentos para a perfeição final da criação – os novos céus e a nova terra – chamamos Providência.

Deus criou o "céu e a terra". Esta expressão é um hebraísmo para significar a totalidade daquilo que existe, mas também os dois tipos de realidade criada: a realidade material e a espiritual. A realidade material consiste nas estrelas e planetas, nos animais e nas plantas, na radiação e nas mais variadas formas de energia, nos átomos e naquilo de que são compostos, no teu corpo e no meu, etc. À realidade espiritual pertencem os anjos (são imensos e todos diferentes entre si) e a alma humana.

À semelhança de um artista, Deus deixa vestígios de Si na sua obra de arte, que é a Criação. Em primeiro lugar, a Sabedoria eterna imprime ordem e inteligibilidade na criação. É este o sentido da criação em seis dias, que não se deve entender como 6 x 24h. A ordem criada abre a realidade à possibilidade de ser conhecida. Por sua vez, a inteligência humana participa também ativamente da sabedoria divina e por isso é capaz de conhecer a realidade. Este é o ponto de partida das ciências.

Em segundo lugar, a Escritura afirma, após cada dia de criação, que "Deus viu o que tinha feito e que era bom". Desde a sua essência, a criação está marcada pela bondade, porque veio

das mãos de Deus. O Espírito de Deus, o Espírito de amor, "paira sobre as águas", está presente no âmago da realidade criada.

Finalmente, a Criação possui beleza intrínseca. Contemplando maravilhados um céu estrelado, um pôr-do-sol sobre o mar ou a primeira gargalhada de um bebé, não podemos senão concluir que Deus tem ótimo gosto.

A obra da criação é obra conjunta das três Pessoas da Santíssima Trindade. Em Gn 1 vemos um vestígio disto. Deus (Pai) cria através da sua Palavra (Filho) e o Espírito (Espírito Santo) move-se sobre as águas. A esta verdade faz referência o segundo texto proposto para o nosso tema, o Prólogo do Evangelho de São João. As semelhanças com o relato de Gn 1 são muitas. Mas existe uma novidade. A obra da criação, aprendemos, é realizada em Cristo, a Palavra de Deus encarnada, que é o próprio Deus. "Tudo começou a existir por meio d'Ele e sem Ele nada foi criado". É realizada em vista de Cristo, a suma perfeição a que é conduzida a criação e o ponto de união perfeita e definitiva entre o homem e Deus. Se a finalidade última da criação é a união das criaturas inteligentes (anjos e homens) com Deus, que recebem d'Ele a vida divina, esta atinge o seu auge em Cristo, o homem-Deus. "N'Ele estava a Vida e a Vida era luz dos homens". Aliás, a comunhão que nos é oferecida com Deus só pode ser atingida através de Cristo: "àqueles que O receberam, aos que creem n'Ele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos Deus."

CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS

Conhecendo um pouco melhor o que Deus faz e como Deus é, podemos estreitar a nossa relação com Ele. Do que dissemos

acerca da criação, que consequências práticas podemos tirar? Sugiro apenas três, mas poderás pensar em muitas mais.

Alegremo-nos com gratidão pela nossa vida, pela vida de todas as pessoas e pelo mundo! Tudo isto veio das mãos de Deus, que nos ama e quer que tenhamos vida em abundância.

Contemplemos a beleza e a bondade da criação. Não passemos distraídos por esta vida, com maravilhas que Deus colocou para mim e para ti, para que nos pudéssemos deter em admiração e gozo. Contemplemos a beleza do ser humano, sobretudo a sua bondade.

Tenhamos confiança. O mundo não é um lugar inóspito e hostil, mas o "jardim onde o Pai nos pôs a brincar". Tudo pertence ao nosso Pai. A minha vida pertence-Lhe e Deus cuida de mim com a força de um Pai e a ternura de uma Mãe. Mesmo no sofrimento e na adversidade, posso encontrar segurança, descansando no meu Pai, sabendo que nada escapa ao seu poder imenso, de que Ele Se serve de todas as coisas para o meu maior bem. Até da doença e da morte.

BÍBLIA VS. CIÊNCIA

Já ouvimos muitas vezes dizer que a fé e ciência são incompatíveis, ou que a fé pertence ao passado, ao tempo em que a humanidade era ignorante e supersticiosa, e, que tudo isto foi definitivamente ultrapassado com a era da ciência e da tecnologia. Estas ideias são falsas e têm a sua origem no Iluminismo do Século XVIII. O Deus da revelação judaico-cristã é o mesmo que criou o universo inteligível e deu ao ser humano a razão para o explorar. A fé e a razão humana são duas vias complementares de acesso à verdade.

Concretamente, em relação ao relato bíblico da criação, devemos desde logo afirmar que não tem o intuito de dar uma explicação científica, mas sim religiosa. Oferece uma perspetiva da realidade inacessível à razão empírica. Por exemplo, não explica o processo de arrefecimento do universo ou da formação de matéria estrelar, mas explica porque é que o universo é inteligível. A linguagem usada no relato bíblico é emprestada das culturas antigas do médio oriente, das quais fazia parte a cultura hebraica. Daqui se percebem os inúmeros paralelos com os mitos das origens dessas culturas. Porém, a explicação pressupõe a fé no Deus único que Se revelou na história e não procede das intuições religiosas subjacentes aos mitos dos povos vizinhos de Israel. Aos Apóstolos e seus sucessores (o Magistério da Igreja), Cristo concedeu e confiou a interpretação verdadeira destes relatos. O texto é divinamente inspirado – tem o Espírito Santo por autor principal – e por isso encontra-se purificado das perspetivas politeístas, panteístas e mágicas, robustecendo a fé e confiança no Deus único.

Como curiosidade, a ciência empírica moderna, nasce no contexto da cristandade, precisamente porque a certeza de um Deus que cria tudo com sabedoria, permite ao homem conhecer as leis pelas quais se rege a natureza.

PARA DISCUTIR

Procuro reconhecer e refletir sobre o papel de Deus na Criação e como isso muda vida?

Sendo este um tema complexo e muitas vezes debatido, em círculos de amigos por exemplo, é natural que surjam muitas

dúvidas e muitos "contra-argumentos". Perante estes desafios, tento esclarecer as questões que me atormentam?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Quando confrontados com um tema desta natureza, é difícil afirmar que compreendemos todas os pontos na sua totalidade. Assim, após uma leitura atenta deste tema, pergunta-te: Compreendo verdadeiramente o que li? Faz-me sentido? Em que ponto permaneço com dúvidas?

Perante estas perguntas, desafiamos-te a ires falar com um Padre e esclarecer as dúvidas que subsistem.

PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, 279-354
- https://www.wordonfire.org/topics/creation/
- https://padrepauloricardo.org/aulas/creio-em-deus-criador
- https://opusdei.org/pt-pt/article/tema-4-deus-criador/
- https://opusdei.org/pt-pt/article/tema-5-a-providencia-de-deus/
- https://www.catholic.com/encyclopedia/creation
- https://www.catholic.com/magazine/print-edition/the-case-for-creation-from-nothing

PARA REZAR

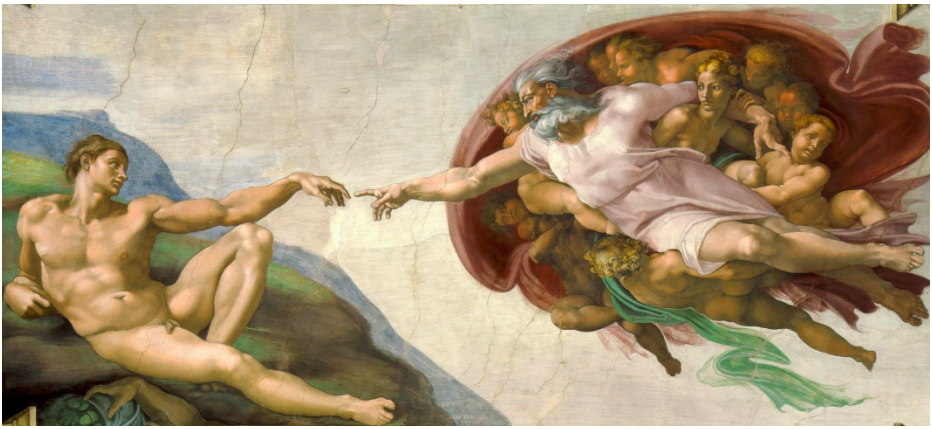
Nós Te louvamos, Senhor,
Ao terminar este dia.
Desce a noite sobre nós,
Mas a fé nos alumia.

Obrigado pela vida,
Tua dádiva paterna.
Que a apresentemos sem mancha
No esplendor da luz eterna.

Obrigado pelo muito
Que neste dia nos deste
E perdoa-nos o pouco
Que de nós Tu recebeste.

Porque és Pai e és amigo,
Sentindo-Te a nosso lado,
Damos ao sono da noite
O coração sossegado.

A Ti, Deus Pai de bondade
E a Jesus, Nosso Senhor,
E ao Espírito Paráclito,
Honra, glória e louvor!



Michelangelo – Creazione di Adamo

2_Out

QUE VALOR TEM O HOMEM?

Neste mês, somos convidados a olhar com atenção para o valor intrínseco do ser humano à luz da sua criação à imagem e semelhança de Deus, na lógica do que é o grande desígnio que Deus tem para a humanidade desde sempre. Nesse setido, o singificado da liberdade à luz do cristianismo é um ponto fundamental que aqui se quer aprofundar, a partir da desobediência de Adão, do Sim de Maria, e do sacrifício de Jesus na Cruz. Na verdade, a liberdade é o que se opõe à escravidão, e estamos tantas vezes escravos de nós mesmos, dos nossos apetites, dos nossos hábtios.

PARA COMEÇAR

Luís Roquette, *Rainha de Portugal*

No jardim da contemplação
No silêncio de Deus
Nasceu uma mulher, um coração
Destinada a ser a Mãe dos que são Teus

Nova Eva, Maria
Permanece imaculada
Escolhida por Deus, um dia
P'ra nos levar à Eterna Morada

São vários os pontos do mundo
Em que pede oração
Um dia, um Rei Português
Entregou-Lhe a Sua nação

Em Fátima nos concedeu
Sua graça e proteção
De Portugal nunca esqueceu
E é tão grande a nossa devoção

Uma coroa de doze estrelas
Uma mulher vestida de Sol
No céu um grande sinal
É a Rainha de Portugal

“FORMOU O HOMEM DO PÓ DA TERRA…”

Do Livro dos Génesis

Gn 2, [1]Foram assim terminados os céus e a Terra e todo o seu
conjunto. [2]Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito,
Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele
realizado. [3]Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter
sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação.
[4]Esta é a origem da criação dos céus e da Terra. Quando o
SENHOR Deus fez a Terra e os céus, [5]e ainda não havia arbusto
algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara
ainda, porque o SENHOR Deus ainda não tinha feito chover
sobre a terra, e não havia homem para a cultivar, [6]e da terra
brotava uma nascente que regava toda a superfície, [7]então o
SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe
pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num
ser vivo. [8]Depois, o SENHOR Deus plantou um jardim no Éden, ao
oriente, e nele colocou o homem que tinha formado. [9]O SENHOR
Deus fez brotar da terra toda a espécie de árvores agradáveis
à vista e de saborosos frutos para comer; a árvore da Vida
estava no meio do jardim, assim como a árvore do conheci-
mento do bem e do mal. [10]Um rio nascia no Éden para regar o
jardim, dividindo-se, a seguir, em quatro braços. [11]O nome do
primeiro é Pichon, rio que rodeia toda a região de Havilá, onde
se encontra ouro, [12]ouro puro, sem misturas, e também se em-
contra lá bdélio e ónix. [13]nome do segundo rio é Guion, o qual
rodeia toda a terra de Cuche. [14]nome do terceiro é Tigre, e corre
ao oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates. [15]SENHOR Deus
levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar
e, também, para o guardar. [16]E o SENHOR Deus deu esta ordem
ao homem: «Podes comer do fruto de todas as árvores do
jardim; [17]mas não comas o da árvore do conhecimento do bem
e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente

morrerás.» [18]O SENHOR Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.» [19]Então, o SENHOR Deus, após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. [20]O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele. [21]Então, o SENHOR Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. [22]Da costela que retirara do homem, o SENHOR Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. [23]Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!» [24]Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne.[25]Estavam ambos nus, tanto o homem como a mulher, mas não sentiam vergonha.

Do Evangelho segundo São Lucas

Lc 1, [26]Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, [27]a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. [28]Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» [29]Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. [30]Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. [31]Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. [32]Será grande

e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o
trono de seu pai David, [33]reinará eternamente sobre a casa de
Jacob e o seu reinado não terá fim.» [34]Maria disse ao anjo:
«Como será isso, se eu não conheço homem?» [35]O anjo respon-
deu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo
estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer
é Santo e será chamado Filho de Deus. [36]Também a tua parente
Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês,
ela, a quem chamavam estéril, [37]porque nada é impossível a
Deus.» [38]Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em
mim segundo a tua palavra.» E o anjo retirou-se de junto dela.

Lc 22, [39]Saiu então e foi, como de costume, para o Monte das
Oliveiras. E os discípulos seguiram também com Ele. [40]Quando
chegou ao local, disse-lhes: «Orai, para que não entreis em
tentação.» [41]Depois afastou-se deles, à distância de um tiro de
pedra, aproximadamente; e, pondo-se de joelhos, começou a
orar, dizendo: [42]«Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice;
contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.» [43]Então,
vindo do Céu, apareceu-lhe um anjo que o confortava. [44]Cheio
de angústia, pôs-se a orar mais instantemente, e o suor tornou-
se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra.
[45]Depois de orar, levantou-se e foi ter com os discípulos, encon-
trando-os a dormir, devido à tristeza.[46]Disse-lhes: «Porque dor-
mis? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação.»

A GLÓRIA DE DEUS É O HOMEM VIVO

Neste mês, refletimos sobre o valor que o homem tem, a partir da ideia de que o seu valor intrínseco reside no facto de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus.

Deus, porque nos ama, criou-nos inteligentes e com uma vontade livre para O amar e para O seguir. No paraíso inicial, a vontade de o homem Lhe querer corresponder encontrava-se perfeitamente orientada e ordenada. Adão passeava com Deus pelo jardim do Éden. Na realidade, desde o início, Ele tem um desígnio de vida e de salvação para o homem. Tal também se traduz no conhecido comando divino indicado a Adão e Eva: "Crescei, multiplicai-vos, enchei e dominai a terra." (Gn 1, 28).

Com efeito, tudo foi criado para nós e essa vida é para ser gozada na plenitude. Como afirma Santo Ireneu: "A glória de Deus é o homem vivo". A existência do homem, vivida na totalidade, é o sinal da grandeza de Deus e do Seu amor. E só n´Ele isso acontece.

Contudo, por desobediência, após comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, o homem experimenta a queda. Nesta queda, a natureza humana sente o peso do pecado original, ou seja, do afastamento de Deus. Este, por sua vez, traz consigo a consequência do reconhecimento da nudez. Diz Adão a Deus quando Este pergunta por ele: "Ouvi o ruído dos Teus passos no jardim e, cheio de medo, porque estou nu, escondi-me." (Gn 3, 10). Sentia-se nu diante de Deus. Reconhecia, deste modo, a sua fragilidade. Simultaneamente, por força deste acontecimento, o homem percebe que comerá o pão do suor do seu rosto (Gn 3, 19) —terá de trabalhar com esforço e dedicação— de maneira a buscar uma verdadeira autonomia e virtude.

SER LIVRE É TER O CORAÇÃO PRESO

Porque havia necessidade de redimir o homem do pecado, Nossa Senhora, primeiramente, no seu *Fiat* consente em receber o Salvador do mundo e, mais tarde, Jesus, no Horto das Oliveiras — no mistério da Paixão — submete-Se fiel e livremente à vontade Deus de Se entregar pela salvação dos homens.

A Virgem Maria aceita os desígnios de Deus para a sua vida e para a vida de toda a Humanidade, ainda que fique perplexa como tal se poderá suceder: "Como será isso se não conheço homem?" (Lc 1, 34). Todavia, confiando no seu Senhor, declara: "Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua vontade." (Lc 1,38). Podemos relacionar este trecho com a frase de G. K Chesterton: "Ser livre é ter o coração preso." Vemos aqui um "aprisionamento" da vontade a Deus, uma união ao Seu amor infinito — que permite alcançar a liberdade profunda e autêntica tão almejada.

Jesus, na véspera da Paixão, entrega-se totalmente. Sabendo que chegava a Sua hora, pede, de um lado, a Deus que o livre de tão grande angústia e tarefa e, de outro lado, quer, livremente, cumprir o que Pai lhe pede: "Pai, se quiseres afasta de Mim este cálice, não se faça, contudo, a Minha vontade, mas a Tua". (Lc 22, 42). Vontade esta que passará pelo sofrimento, pela ignomínia, pela Cruz e que, ao terceiro dia, culminará na alegria de Ressurreição.

Neste mistério, a vontade de Nossa Senhora e de Jesus são o paradigma da santidade: orientam a vontade pessoal para a vontade de Deus que nos faz entrar na comunhão e amizade divinas.

DETERMINADA DETERMINAÇÃO

Ora, no dia-a-dia, podemos experimentar isto. Por um lado, sabemos que temos uma vontade fraca para fazer o bem e para seguir Deus. Como São Paulo "não faço o bem que quero, mas ponho em prática o mal que não quero" (Rm 7,19). Por outro lado, quando agimos com "determinada determinação" (no dizer de Santa Teresa de Ávila) para seguir Jesus, sabemos que nos estamos a aproximar de Deus e a santificar-nos.

Efetivamente, a busca pela santidade revela-se na luta que fazemos connosco próprios. Pecamos — lembremo-nos dos pecados capitais a que muitas vezes cedemos — e, ao mesmo tempo, queremos praticar os hábitos bons que pretendem reagir contra esses mesmos pecados — as virtudes. Estas limam a vontade que se deixa afrouxar e bater no fundo e tornam-na mais forte e mais predisposta à vontade divina.

Para cada pecado existe uma virtude que ajuda a combatê-lo: contra a luxúria, a castidade; contra a inveja, a caridade; contra a gula, a temperança; contra a preguiça, a diligência; contra a ira, a paciência; contra a avareza, a liberalidade/bondade e contra a soberba, a humildade.

Fazer a vontade Deus, de facto, é difícil e, por conseguinte, precisamos de ajuda. Para isso, temos meios ou instrumentos à nossa disposição. Em primeiro lugar, temos os sacramentos-nomeadamente o da Eucaristia e Confissão. São absolutamente centrais, pois são "gasolina" para a vida espiritual. Por uma razão simples: são a presença de Deus que alimentam, guiam e curam a nossa vida. São os canais da graça divina que nos ajudam a perceber que, antes mais e principalmente, releva a graça e o amor de Deus sobre nós, mais do todos os nossos méritos ou falhas.

Em segundo lugar, temos a oração e a leitura da Bíblia. São dois meios da vida espiritual onde nos dispomos a escutar e a saber mais sobre Deus.

Em terceiro lugar, a importância de grupos ou de boas amizades em Cristo que, reciprocamente, incentivem o desejo pela santidade. Caminhar sozinho é sempre exigente, senão mesmo impossível. Daí necessitarmos uns dos outros — lembremo-nos de que a Igreja é a comunidade dos crentes que, em conjunto e como membros do Corpo de Cristo, vivem unidos numa só fé!

Em quarto lugar, nas várias dimensões da vida precisamos da nossa vontade pessoal para querer isto porque, no final de contas, ninguém age por nós.

PARA DISCUTIR

O que significa o "reconhecimento da nudez" como símbolo da fragilidade humana e a necessidade de reconciliação com Deus?

"Ser livre é ter o coração preso", dizia Chesterton, defendendo que a verdadeira liberdade se encontra em viver de acordo com a vontade de Deus, mesmo que isso exija sacrifício. Como entendes esta noção de liberdade?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

> *"As virtudes humanas são disposições estáveis da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam o nosso procedimento segundo a razão e a fé. Podem ser agrupadas à roda das quatro virtudes cardiais: prudência, justiça, fortaleza e temperança."*
>
> *Catecismo da Igreja Católica, 1804*

A propósito da citação do catecismo, lê o ciclo de catequeses do Papa Francisco sobre os vícios e as virtudes.

Identifica em que dimensões da vida andoas com a vontade mais "presa" e escolhe um compromisso concreto que te ajude a trabalhar a liberdade.

PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, 335-384 e 1803-1845
- Dietrich von Hildebrand, *A dignidade da pessoa humana*
- Scott Hahn , *Imago Dei: Created in God's Image*
- São Tomás, *Summa Theologiae, Secunda Secondae*
- Jacques Philippe, *A Liberdade Interior*

PARA REZAR

Salmo 8

Senhor, nosso Deus,
como é admirável o vosso nome em toda a terra!
A vossa majestade está acima dos céus.

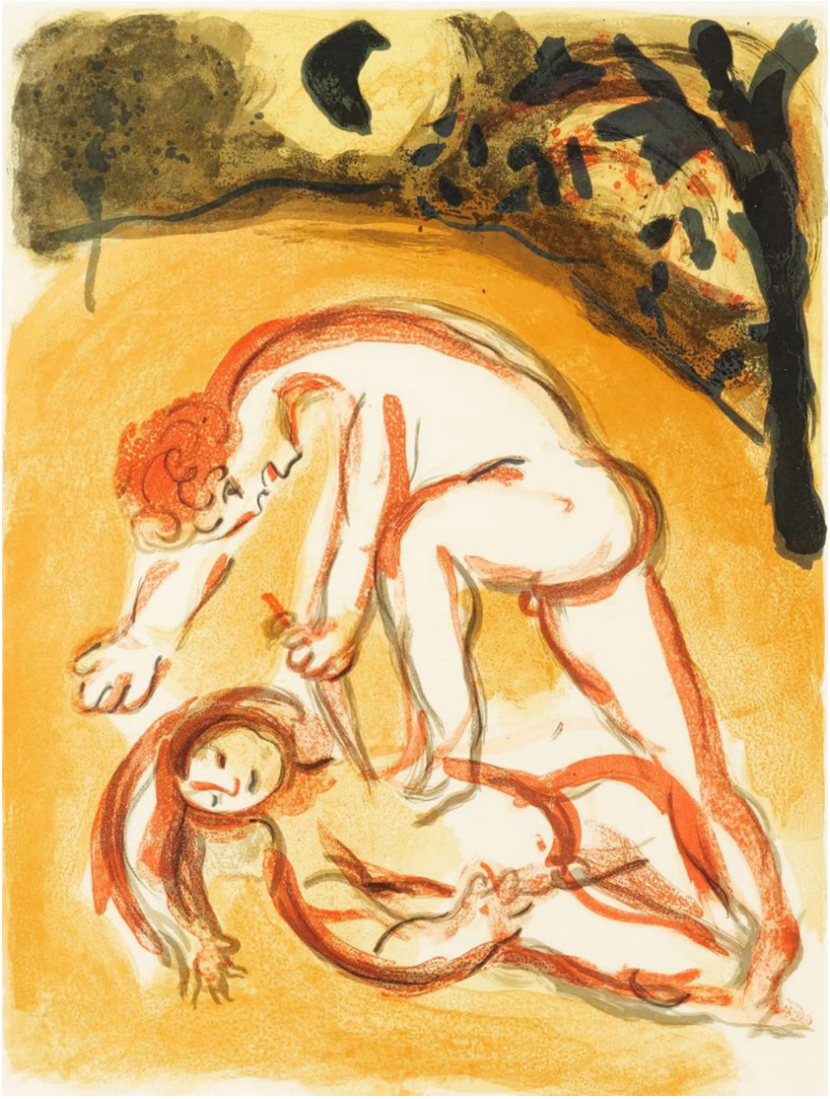
Da boca das crianças e meninos de peito
sai um louvor que confunde os vossos adversários
e reduz ao silêncio os inimigos rebeldes.

Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos,
a lua e as estrelas que lá colocastes,
que é o homem para que Vos lembreis dele,
o filho do homem para dele Vos ocupardes?

Fizestes dele quase um ser divino,
de honra e glória o coroastes;
destes-lhe poder sobre a obra das vossas mãos,
tudo submetestes a seus pés:

Ovelhas e bois, todos os rebanhos,
e até os animais selvagens,
as aves do céu e os peixes do mar,
tudo o que se move nos oceanos.

Senhor, nosso Deus,
como é admirável o vosso nome em toda a terra!



Marc Chagal – Cain et Abel

3_Nov

A IRA OU O PERDÃO?

Bem-vindos a dois dos textos mais extraordinários da Bíblia. Em poucas linhas, sobretudo se lidos em conjunto, estes relatos têm mesmo muito que se lhe diga, e ajudam a aprofundar o que é que afinal estamos nesta vida a fazer. O tema começa pela história de Caim e Abel, uma narrativa que encara de frente a condição humana, também no que ela tem de negativo e de desafiante. Nesse prisma, a história ganha um novo sentido, e esclarece-se finalmente à luz da pessoa de Jesus e da sua entrega sem limites.

PARA COMEÇAR

Diante das dúvidas sobre ti
respondeste com o perdão.
Diante da perseguição
e das muitas murmurações
respondeste com o perdão.

Diante da insídia e da ímpia ofensa,
respondeste com o perdão.
Diante da infâmia da conspiração
contra o Justo,
respondeste com o perdão.
Diante da traição
e da dor que esta traz,
respondeste com o perdão.

Mãe de Misericórdia,
teu coração bondoso
transborda de clemência,
por isso te imploro que me obtenhas o perdão
pelos muitos males que fiz,
e também,

Ó Mãe,
ensina-me a perdoar como Tu,
que, diante de tantos males
que te fizeram,
inclusive arrebatar do teu lado
teu divino Filho
sempre respondeste
com o mais magnânimo perdão.
Amen.

DOIS TEXTOS

Do Livro do Génesis

Gn 4, 1Adão conheceu Eva, sua mulher. Ela concebeu e deu à luz
Caim, e disse: «Gerei um homem com o auxílio do SENHOR.»
2Depois, deu também à luz Abel, irmão de Caim. Abel foi pastor,
e Caim, lavrador. 3Ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao
SENHOR uma oferta de frutos da terra. 4Por seu lado, Abel
ofereceu primogénitos do seu rebanho e as suas gorduras. O
SENHOR olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, 5mas
não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta. Caim
ficou muito irritado e andava de rosto abatido. 6O SENHOR disse
a Caim: «Porque estás zangado e de rosto abatido? 7Se
procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto; se
procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andará a
espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti,
mas deves dominá-lo.» 8Entretanto, Caim disse a Abel, seu
irmão: «Vamos ao campo.» Porém, logo que chegaram ao
campo, Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o.

9O SENHOR disse a Caim: «Onde está o teu irmão Abel?» Caim
respondeu: «Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu
irmão?» 10O SENHOR replicou: «Que fizeste? A voz do sangue do
teu irmão clama da terra até mim. 11De futuro, serás
amaldiçoado pela terra, que, por causa de ti, abriu a boca para
beber o sangue do teu irmão. 12Quando a cultivares, não voltará
a dar- te os seus frutos. Serás vagabundo e fugitivo sobre a
terra.» 13Caim disse ao SENHOR: «A minha culpa é
excessivamente grande para ser suportada. 14 Expulsas-me
hoje desta terra; obrigado a ocultar-me longe da tua face, terei

de andar fugitivo e vagabundo pela terra, e o primeiro a encontrar-me matar-me-á.» [15]O SENHOR respondeu: «Não! Se alguém matar Caim, será castigado sete vezes mais.» E o SENHOR marcou-o com um sinal, a fim de nunca ser morto por quem o viesse a encontrar. [16]Caim afastou-se da presença do SENHOR e foi residir na região de Nod, ao oriente do Éden.

Do Evangelho de São Mateus

Mt 18, [21]Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» [22]Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

DOIS PONTOS DE PARTIDA

1. Em primeiro lugar, vale a pena reconhecer que o texto do Livro do Génesis acerca de Caim e Abel é – dizem os estudiosos – um «mito de origem». Os mitos de origem não são textos históricos no sentido de serem relatos factuais, baseados em evidências verificáveis. São, em vez disso, histórias simbólicas que projetam nas origens da criação alguns acontecimentos com o intuito de trazer sentido à realidade do dia-a-dia do autor. Embora possam incorporar elementos históricos ou figuras reais, a função principal dos mitos de origem não é documentar a história, mas propor um significado cultural e espiritual para a vida de uma comunidade ou para um modo de entender o mundo; neste caso, os acontecimentos relatados acerca de Caim e Abel refletem aquilo que o povo de Israel foi captando sobre o Deus que se revelava e a vida entre os povos antigos daquela região.

2. Em segundo lugar, para entrar profundamente no texto de Caim e Abel, precisamos ainda de ter presente o que são e o que representam, na tradição bíblica, os sacrifícios apresentados a Deus. Conhecemos a noção moderna de sacrifício: se queremos que a vida melhore no futuro, somos chamados a fazer sacrifícios no presente; fazemos sacrifícios hoje para que a nossa vida melhore amanhã; os pais fazem sacrifícios hoje para que a vida dos filhos venha a ser melhor, e assim sucessivamente. Tem que ver com a responsabilidade, com a maturidade e com a disciplina de vida: ser disciplinado é sinónimo de saber quando fazer sacrifícios, tal como quando percebemos que é bom sacrificar o tempo em que nos apetece ver *reels* até ao infinito, e usá-lo para estudar ou trabalhar. Na mesma lógica, a ideia de chumbar no exame leva-me a tomar medidas – a fazer sacrifícios e a trabalhar – para que essa possibilidade não se verifique.

Ora, a ideia de sacrifício de Abel e Caim é a ideia percursora de tudo isto. Com efeito, os povos antigos – incluindo os ancestrais do povo de Israel – observaram ao longo de gerações e gerações, provavelmente antes até de haver escrita, que a diferença entre ser bem-sucedido ou não o ser era precisamente a decisão de adiar a gratificação imediata e fazer sacrifícios. Nos primórdios da civilização, assim se observou ao longo de milénios, os bem-sucedidos eram aqueles que abdicavam de um bem no presente em favor de um bem maior no futuro. Essa ideia fundamental tornou-se elementar nas interações humanas nas sociedades primitivas e formou-se, por isso, um princípio-base da civilização: fazer sacrifícios hoje evita sofrimentos no futuro e melhora a vida. Este princípio, antes de ser posto por escrito simbolicamente em textos como o de Caim e Abel, e até antes de ser conceptualizado como hoje o fazemos, foi ritualizado. Antes da era da escrita, que é a nossa, o conhecimento passava por tradições orais e por práticas ritualizadas. Com efeito, os sacrifícios rituais, ou seja, oferecer a Deus os bens de que se dispõe, eram no mundo antigo um gesto que punha em cena – tal como uma criança "põe em cena" o que significa "mãe" e "pai" antes de ser capaz de articular estes termos – a ideia de que é útil e benéfico adiar a gratificação, sacrificando hoje para um bem maior no futuro.

DOIS IRMÃOS

Tendo estas ideias presentes, vamos então ao texto. Como dizíamos, é um mito de origem, e é próprio deste género literário não limar as arestas e incongruências de determinados pormenores, mas montar o cenário apropriado para dar sentido às realidades que quer explicar. Assim, depois de tanto

Caim como Abel apresentarem a Deus o seu sacrifício ritual, não é dito por que razão Deus preferiu a oferta de Abel em detrimento da oferta de Caim, nem faz sentido sondar as causas ou tentar justificar o comportamento de Deus. O narrador queria, isso sim, que o seu texto conduzisse Caim a uma forma evidente de "transgressão" para, por meio dela, trabalhar o tema do rancor, da violência humana, da vingança, do mal. Nesta lógica, Abel é uma personagem arquetípica, em quem vemos representadas todas as vítimas inocentes da história humana, denunciando o ódio e a violência fratricida como algo que nega a própria humanidade. E também Caim é o arquétipo do homem que não sabe lidar com a frustração, se torna rancoroso e invejoso, e acaba por permitir que a sede de vingança tome conta de si mesmo. Entre Abel e Caim – por vezes Abel, por vezes Caim – estamos todos nós.

Pelo facto de a sua oferta não ter sido apreciada por Deus, Caim conhece o sofrimento: «ficou muito irritado e andava de rosto abatido» (Gn 4, 5). A ira de Caim é, na realidade, o ponto fundamental para encontrar o sentido deste texto. E não nos é especialmente difícil empatizarmos com Caim, na sua ira. De facto, quem nunca se irritou com as coisas que nos parecem injustas na vida? É certo, como já vimos, que frequentemente os insucessos na vida são consequência da falta de sacrifício. Se nada produzimos, se somos preguiçosos e cínicos, se nos deixamos vitimizar, se não nos pomos ao serviço de ninguém, se só nos preocupamos connosco mesmos, se nada procuramos construir na vida, se não fazemos sacrifícios, é bastante óbvio que a responsabilidade do insucesso é sobretudo nossa. Porém, não raras vezes – e pode ser esse o caso de Caim – não é que os sacrifícios não sejam feitos. Mas, por alguma razão, o trabalho árduo e o adiar da gratificação não parecem produzir sempre o sucesso desejado. É duro, parece arbitrário e injusto. Caim ficou irritado e abatido: o

sentimento de injustiça gera mágoa; a mágoa gera rancor; o rancor gera ira; e a ira gera sede de vingança.

E também aqui, talvez infelizmente, é fácil empatizarmos com Caim: este "percurso" existencial é-nos provavelmente familiar. Quando a vida não nos corre bem, quando os nossos planos não acontecem como pretendíamos, quer a responsabilidade seja nossa, quer não seja, é frequente que fiquemos "irritados" e "abatidos", é frequente também que de um sentimento de injustiça se passe à mágoa, ao rancor e até à vingança. E, se não chegar à vingança, chega provavelmente à vitimização: «a vida é difícil e injusta», pensamos, «e a culpa provavelmente está fora de mim, seja nos outros, seja em Deus».

O texto vai mais longe: a ira de Caim não é dirigida a Deus, o que seria justificável dentro da narrativa, nem muito menos dirigida a ele mesmo, o que faria sentido, tal como tantas vezes nos irritamos connosco mesmos por não termos tomado as melhores decisões. A ira, que escala e se torna vingança, recai, na realidade, sobre o inocente e invejado Abel, sobre aquele que é justo e que, na sua vida, fez apenas o que devia fazer, alimentando adequadamente a sua relação com Deus. Caim "descarrega" no inocente as suas frustrações, tal como nos acontece tantas vezes, mesmo que no nosso caso não "matemos o irmão" literalmente.

Ao ler o texto, é-nos dito que, no primeiro momento da ira de Caim, Deus intervém, perguntando-lhe pela razão do seu descontentamento, e quase suplicando a Caim que deixe a ira para trás e refunde a sua confiança em Deus, volte a confiar no sistema sacrifical e apresente uma vez mais a Deus as suas ofertas: «Se procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto; se procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andará a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo» (Gn 4, 7). Apesar de interpelado

por Deus e avisado das consequências que o esperam, Caim não abandona a ira nem volta a confiar em Deus. Pelo contrário, convida Abel a ir para o campo, lança-se sobre ele e mata o seu irmão. E, uma vez mais, Deus intervém e, no estilo próprio dos mitos de origem, impõe a Caim um castigo (que, nestes textos, não pretende revelar um Deus castigador, mas as consequências das ações fratricidas de Caim).

Num homicídio, além de um cadáver, fica sempre também um assassino. Mas a tragédia de Caim é muito mais do que tornar-se o homicida do seu irmão. Matando-o, Caim destrói a figura do homem justo e reto que Abel personificava. Caim, com efeito, mata o melhor de si; a sua vingança, aplicada ao inocente, deixa-o entregue a si mesmo, sem rumo nem destino, amargurado e violento, imagem tipo daquele cuja rutura com Deus e com a comunidade resulta na mais profunda solidão, como o próprio reconhece: «obrigado a ocultar-me longe da tua face, terei de andar fugitivo e vagabundo pela terra, e o primeiro a encontrar-me matar-me-á » (Gn 4, 14).

A Bíblia enfatiza ainda mais esta dimensão trágica. Depois da narrativa acerca de Caim e Abel, o texto bíblico refere a descendência de Caim, na qual vale a pena destacar Lamec, que afirma: «Matei um homem porque me feriu, e um rapaz porque me pisou. Se Caim foi vingado sete vezes, Lamec sê-lo-á setenta vezes sete» (Gn 4, 23-24); e Tubal-Caim, «pai daqueles que fabricavam todos os instrumentos de cobre e ferro» (Gn 4, 22), onde alguns biblistas vêm uma referência às armas de guerra. Do mesmo modo, depois das referências à descendência de Caim, a Bíblia apresenta um outro mito de origem, o dilúvio (cf. Gn 6 - 9). Com efeito, o resultado da ira não controlada de Caim é o fratricídio; o resultado do fratricídio é a solidão e a guerra; e o resultado de tudo isto é o dilúvio devastador, que marca o fim de uma fase do ser humano.

Por muita razão que pudesse ter Caim ao ficar abatido com o insucesso do seu sacrifício, o caminho de rancor, vitimização e vingança que ele percorre, diz-nos a Bíblia, leva à perdição (cf. Sl 1, 6).

DOIS CAMINHOS

Com o mau exemplo de Caim, esta narrativa ensina-nos que a resposta adequada às injustiças da vida – aquelas cuja responsabilidade é nossa, mas também aquelas que nos parecem arbitrárias – passa por renunciar à ira, não se deixar cair na vitimização, e insistir teimosamente na ideia-base do chamado sistema sacrifical: apresentar a Deus as nossas ofertas uma e outra vez, ou seja, reconhecer que Deus é Deus e que eu não o sou; em certo sentido, trata-se precisamente de levar a sério o que disse São Paulo: «tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (Rom 8, 28), mesmo quando nos parece arbitrário.

Na prática, isto significa que em tantas situações na vida temos diante de nós dois caminhos: o caminho da ira, do rancor, da vitimização e da vingança; e o caminho da fidelidade a Deus e do perdão. Com efeito, o texto diz-nos que escolher o caminho bom e ser fiel a Deus no meio da adversidade, dando-lhe o lugar mais elevado na nossa existência, é uma tábua de salvação que evita uma vida que se torne amargurada, depressiva, solitária e triste.

Em suma, a narrativa de Caim e Abel propõe a ideia de que se construirmos uma relação adequada com Deus ao longo do tempo, dando-lhe o lugar que é d'Ele, então o próprio Deus, no contexto dessa mesma relação, apontar-nos-á o bom

caminho, fazendo-nos discernir a que coisas precisamos de renunciar, que apegos precisamos de sacrificar, que dimensões da nossa vida precisamos de converter. Não é fácil viver assim, mas é esta a sabedoria que a Bíblia nos transmite com Caim e Abel.

Jesus, por sua vez, cumpre todas estas coisas. É Ele que protagoniza o sacrifício definitivo, ritual e existencial, entregando a sua vida para nossa salvação, o «sacrifício agradável a Deus» (Sl 50, 17), sacrificando o bem maior de que dispunha, para alcançar o maior bem possível: a sua vida pela salvação de todos. É, de facto, a partir da Paixão, Morte e da Ressurreição de Jesus que tudo isto se esclarece de forma mais perfeita (Equipistas, vale a pena estarem atentos ao tema de Março!). No entanto, mesmo antes da sua morte, toda a vida de Jesus era já sacrificial, no sentido em que em todas as páginas dos Evangelhos vemos Jesus a sacrificar o seu tempo, a sua energia, a sua sabedoria para ensinar, curar, levantar, perdoar.

O perdão, de facto, tem uma dimensão sacrificial: trata-se de renunciar ao instinto de repor a justiça com as próprias mãos, de forma brusca e imediata, satisfazendo a sede de vingança; para fazer as pazes com a injustiça ou a ofensa de que fomos alvo, aceitando que é só Deus que julga, e que no outro – mesmo quando ele é injusto – há sempre uma possibilidade de bem, há sempre um futuro promissor.

Enquanto sacrifício, o perdão é uma dádiva gratuita do ofendido ao ofensor. Por isso, o perdão está acima da justiça e dá conta de uma "abertura" na moral fechada; é uma espécie de "suplemento espiritual" que rompe com a cegueira da estrita legalidade. O perdão não se confunde com a desculpa: essa é apenas para o que é desculpável; quando, depois de apresentadas as razões do ofensor – as suas desculpas –, ainda sobra culpa, é aí que o perdão entra em cena. Do mesmo

modo, o perdão não se confunde com o esquecimento: quem perdoa mantém a memória da injustiça que sofreu, não a memória doentia do rancor e do ressentimento a alimentar projetos de vingança, mas a memória de quem reconhece que a injustiça que sofreu, quase como uma forma de comunhão, o identifica com Jesus injustiçado na Cruz. O perdão verdadeiro, vale a pena dizer, é discreto e remete-se ao silêncio; se fala, torna-se suspeito e deixa de ser perdão, porque perde a gratuidade que o caracteriza e a conversa acerca daquilo que supostamente se perdoara torna-se uma forma subtil de vingança.

Neste sentido, o perdão é a resposta inesperada, surpreendente e imerecida às situações limite do irreparável e do indesculpável. Por que é que o perdão é salvador? Porque sem ignorar o mal, nem fechar os olhos às injustiças gritantes, o perdão reaviva na pessoa o sentido da própria dignidade, e faz acreditar na capacidade ilimitada de o ser humano se regenerar. Com efeito, mesmo quando parece injusto, perdoar é sempre a hipótese que me vai fazer feliz, que me permite deixar para trás o rancor e a amargura, que me permite ficar em paz com as ofensas que sofri ou com o mal que me fizeram, que me abre para um futuro mais livre.

Eis, em suma, os dois caminhos: ou a ira vingativa de Caim que leva até à afirmação do seu descendente: «Se Caim foi vingado sete vezes, Lamec sê-lo-á setenta vezes sete»; ou este perdão que vem de Deus e que somos chamados a replicar, até setenta vezes sete.

Neste sentido, a chave para evitar um mundo vingativo e fratricida, que leva aos horrores da guerra, de Auschwitz ou dos gulags soviéticos, é a reconstrução, por meio do perdão e do reto louvor dado a Deus, da dignidade própria e da “alma”, ao nível de cada pessoa, que é chamada a um pacto com a

virtude. É uma conclusão dura, que põe o peso da responsabilidade nos nossos ombros, mas é uma oportunidade admirável e absolutamente transformadora, uma vez que implica que podemos fazer parte do processo que eleva o mundo. É difícil imaginar alguma coisa melhor para fazer com a vida e com o tempo que nos resta!

PARA DISCUTIR

De que maneira a história de Caim e Abel pode ser aplicado às nossas relações uns com os outros e à forma como lidamos com frustrações?

O que nos impede, na prática, de seguir o caminho do perdão em vez do da vingança quando enfrentamos injustiças?

Como podemos aplicar o conceito de sacrifício ao nosso dia-a-dia de forma a melhorar a nossa vida e a das pessoas que fazem parte dela?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Identifica na tua vida pessoal alguma coisa que possas estar a precisar de sacrificar e de deixar para trás, para teu bem e para bem de todos.

Identifica na vida da tua equipa, algum (mau) hábito que este tema vos apele a abandonar.

PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, 1730-1742; 1803-1832; e 2258-2317
- P. Armindo Vaz, *Palavra Viva, Escritura Poderosa*, UCP Editora
- Jordan Peterson, *Cain and Abel: The Hostile Brothers* https://www.youtube.com/watch?v=44f3mxcsI50
- Projeto PRIXM, *Cain et Abel* https://www.prixm.org/articles/le-premier-meurtre-de-lhistoire; https://www.prixm.org/articles/cain-et-abel-meurtre-frere

PARA REZAR

Salmo 1

Feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios,
nem se detém no caminho dos pecadores,
mas antes se compraz na lei do Senhor,
e nela medita dia e noite.

É como árvore plantada à beira das águas:
dá fruto a seu tempo
e sua folhagem não murcha.
Tudo quanto fizer será bem-sucedido.

Bem diferente é a sorte dos ímpios:
são como palha que o vento leva.
O Senhor vela pelo caminho dos justos,
mas o caminho dos pecadores leva à perdição.

Morgan Weistling – Kissing the Face of God

4_Dez

O SENHOR VOS DARÁ UM SINAL

Em pleno Advento e prestes a chegar ao Natal, olhamos neste mês para a esperança e a fé presentes nas profecias do Antigo Testamento, especialmente em Isaías, e como elas se cumprem no nascimento de Jesus. O Advento, neste sentido, é o tempo da preparação e da esperança, que capacita o coração para viver plenamente o Natal. Aí, diante do presépio, somos convidados a deixar Jesus nascer no coração.

PARA COMEÇAR

P. José Kentenich, *Oração ao Espírito Santo*

Espírito Santo, tu és a alma de minha alma. Cheio de humildade te adoro. Ilumina-me, fortifica-me, guia-me e consola-me. Revela-me tanto quanto isso ao plano do Eterno Pai corresponde. Revela-me os teus desejos. Faze-me entender o que o Amor Eterno de mim deseja. Faze-me entender o que devo fazer. Faze-me entender o que devo sofrer. Faze-me entender o que, em silêncio, com modéstia e reflexão, devo aceitar, carregar e suportar.

Sim, Espírito Santo, faze-me entender a tua vontade e a vontade do Pai. Pois minha vida inteira não quer ser mais que um contínuo e perpétuo SIM aos desejos e ao querer do Eterno Pai. Amen.

“O SENHOR MANDOU DIZER…”

Do livro de Isaías

Is 7, 10O SENHOR mandou dizer de novo a Acaz: 11«Pede ao SENHOR
teu Deus um sinal, quer no fundo dos abismos, quer lá no alto
dos céus.» 12*Acaz respondeu: «Não pedirei tal coisa, não tentarei
o SENHOR.» 13Isaías respondeu: «Escuta, pois, casa de David: Não
vos basta já ser molestos para os homens, senão que também
ousais sê-lo para o meu Deus? 14*Por isso, o Senhor, por sua
conta e risco, vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e
vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel. 15Ele
será alimentado com requeijão e mel até que saiba rejeitar o
mal e escolher o bem. 16*Porque antes que o menino saiba
rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, cujos dois reis tu temes,
será devastada.»

Do Evangelho Segundo São Lucas

Lc 2, 1 Por aqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto
para ser recenseada toda a terra. 2Este recenseamento foi o
primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria. 3Todos
iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade. 4*Também
José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à
Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e
linhagem de David, 5*a fim de se recensear com Maria, sua
esposa, que se encontrava grávida. 6E, quando eles ali se
encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz 7*e teve
o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou
numa manjedoura, por não haver lugar para eles na
hospedaria. 8*Na mesma região encontravam-se uns pastores

que pernoitavam nos campos, guardando os seus rebanhos
durante a noite. 9*Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória
do Senhor refulgiu em volta deles; e tiveram muito medo. 10O
anjo disse-lhes: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande
alegria, que o será para todo o povo: 11*Hoje, na cidade de David,
nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. 12Isto vos
servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e
deitado numa manjedoura.» 13De repente, juntou-se ao anjo
uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo:
14*«Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu
agrado.» 15Quando os anjos se afastaram deles em direcção ao
Céu, os pastores disseram uns aos outros: «Vamos a Belém ver
o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.» 16Foram
apressadamente e encontraram Maria, José e o menino
deitado na manjedoura. 17Depois de terem visto, começaram a
divulgar o que lhes tinham dito a respeito daquele
menino. 18Todos os que ouviram se admiravam do que lhes
diziam os pastores. 19*Quanto a Maria, conservava todas estas
coisas, ponderando-as no seu coração. 20*E os pastores
voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham
visto e ouvido, conforme lhes fora anunciado.

A ESPERANÇA
(DOS QUE OUVIRAM ISAÍAS)

Os dois primeiros textos que apresentamos para o mês de dezembro são do profeta Isaías. Isaías viveu no séc. VIII a.C. Nasceu no ano 770 a.c. numa tribo de Israel. Recebeu a missão de profeta num sonho, onde teve uma aparição de Deus que lhe concedeu esta missão.

A profecia é uma mensagem de Deus onde anuncia ao homem um acontecimento futuro pela boca do profeta. O Antigo Testamento está cheio de inúmeras profecias que se tornaram realidade no Novo Testamento.

Profecia de Miqueias foi escrita algumas centenas de anos antes de Jesus nascer e diz assim - "Mas tu, Belém-Efrata, tão pequena entre as famílias de Judá, é de ti que me há-de sair aquele que governará em Israel" (Mq 5, 1) e passado uns anos, Jesus acaba por Nascer em Belém da Judeia, tal como anunciou o profeta.

Profecia de Oseias foi escrita no séc. VIII a.c. - "Quando Israel era ainda menino, Eu amei-o, e chamei do Egipto o meu filho." (Oseias 11, 1). No Novo Testamento, escreve assim S. Mateus: "Depois de partirem, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egipto e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar. *E ele levantou-se de noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egipto". (Mt 2, 13-14)

No Novo testamento está muitas vezes escrito a seguinte frase, comprovando o que era anunciado no Antigo Testamento - "Assim se cumpriu o que o Senhor anunciou pelo profeta".

No primeiro texto escolhido pare este tema, Isaías anuncia: "A virgem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel." (Is 7, 14) Atualmente, ao ler esta frase pensamos imediatamente em Nossa Senhora à espera de Jesus. Mas esta frase de Isaías foi escrita 700 anos antes de Jesus nascer. Com o nascimento de Jesus, deixou de ser apenas uma profecia para ser a realidade. O "Deus connosco" que é o que significa o nome Emanuel nasce da virgem grávida que passado alguns anos de ser anunciado percebemos que é Nossa Senhora à espera de Jesus.

O povo que ouvia as palavras de Isaías enchia-se esperança pela esperança que era anunciada. O Texto de Isaías 9 anuncia o raio de luz para quem vivia nas trevas. Era assim anunciada a vinda de Jesus ao mundo! A Luz que a todos enchia de esperança.

É engraçado que o texto de Isaías 9 escrito há bastantes séculos atrás ainda se torna atual em cada dia que Jesus nasce. Continua a ser para cada homem que reza estas palavras, um manancial de esperança que o acorda para este Homem que não deixa de nascer.

As trevas são habitadas, a escuridão é iluminada e a esperança é mais uma vez consolada.

Como é que o Card. Tolentino Mendonça explica a esperança?

> *O amor é o caminho que nos leva à esperança. E esta não é uma espécie de consolação, enquanto se esperam dias melhores. Nem é sobretudo expectativa do que virá. Esperar não significa projetar-se num futuro hipotético, mas saber colher o invisível no visível, o inaudível no audível, e por aí fora. Descobrir uma dimensão outra dentro e além desta realidade concreta*

que nos é dada como presente. Todos os nossos sentidos são implicados para acolher, com espanto e sobressalto, a promessa que vem, não apenas num tempo indefinido futuro, mas já hoje, a cada momento. A esperança mantém-nos vivos. Não nos permite viver macerados pelo desânimo, absorvidos pela desilusão, derrubados pelas forças da morte. Compreender que a esperança floresce no instante é experimentar o perfume do eterno.

José Tolentino Mendonça, in 'A Mística do Instante'

ADVENTO, TEMPO DE ESPERA E ESPERANÇA

Durante o mês de dezembro, semana após semana, domingo após domingo, vamos sendo preparados para o Natal. A espera destes dias capacita o nosso coração para poder viver a festa do Natal de uma forma mais plena.

Explica o Catecismo:

524. Ao celebrar em cada ano a Liturgia do Advento, a Igreja actualiza esta expectativa do Messias. Comungando na longa preparação da primeira vinda do Salvador, os fiéis renovam o ardente desejo da sua segunda vinda (218). Pela celebração do nascimento e martírio do Precursor, a Igreja une-se ao seu desejo: «Ele deve crescer e eu diminuir» (Jo 3, 30).

O Antigo Testamento está intimamente ligado com o advento porque ambos são tempos de espera, tempos onde esperam o nascimento do Salvador.

O lema da mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Juventude deste ano é o seguinte: **Aqueles que esperam no Senhor, caminham sem se cansar** (cf. Is 40, 31)! A urgência e o imediatismo das realidades que vivemos hoje ensinam-nos a não esperar. A velocidade do *scroll*, os vídeos que não terminam, os *tiktoks* inesgotáveis preparam o ser humano para uma sociedade que não consegue esperar. Uma sociedade que prefere o fast Food do que esperar pelo melhor prato que demora a ser cozinhado. Também na nossa vida muitos caminhos demoram a ser cozinhados e preparados. Muitos frutos demoram a crescer. E há momentos da vida que precisamos de esperar pelo bem precioso, ter paciência com a forma de Deus agir e atuar na vida, porque em Deus o tempo tem outra definição.

"Tudo tem seu tempo. Há um momento oportuno para tudo que acontece debaixo do céu (...) tempo de plantar e tempo de colher a planta (...) As coisas que ele fez são todas boas no tempo oportuno" (Ecl 3, 1 - 3,11).

Por isso são felizes os que esperam no Senhor, os que esperam como Maria esperou no tempo do Advento. Assim escreve o Papa Francisco na mensagem para o Dia Mundial da Juventude:

> *"Coragem! Trago-vos a todos no meu coração e confio o caminho de cada um de vós à Virgem Maria, para que, seguindo o seu exemplo, saibais esperar com paciência e confiança aquilo que esperais, permanecendo no vosso caminho como peregrinos da esperança e do amor."*

A FÉ
(DOS QUE OUVIRAM SÃO LUCAS)

São Lucas foi um dos quatro evangelistas. Não conheceu diretamente Jesus mas privou primeiramente com os doze apóstolos e mais tarde com São Paulo. Lucas era médico de profissão e seria também um grande pintor, sendo conhecido um quadro que pintou de Nossa Senhora.

Que um Messias havia de vir todos sabiam, quando seria é que ninguém sabia. Como se poderia calcular a vinda do Messias? Era impossível. Os homens iam crescendo de geração em geração com a esperança que este Homem um dia os viria libertar, inúmeras eram as profecias sobre Ele.

E eis que entretanto, uma virgem concebe, uma estrela brilha mais que todas as outras e nasce o Filho de Deus. As profecias começam a ser cumpridas, o que era esperado começava a acontecer e de repente era mesmo verdade, o Filho de Deus passava habitar no meio dos homens.

Em São Lucas acontece o que foi anunciado em Isaías. As profecias deste profeta ganham a sua plenitude no nascimento do Filho de Deus.

O nascimento de Jesus renova a fé nos corações dos homens. As profecias que durante gerações foram ouvindo, agora em Lucas tornavam-se a realidade.

O Nascimento de Jesus renova em nós o apelo a dar o salto de fé que sempre precisamos. Ter fé em Jesus é dar-se conta que Ele é o Senhor das Nossas vidas, e só a ele seguimos.

Durante os anos das nossas vidas, vários são os momentos onde a nossa fé em Jesus vacila.

Recordemos estas palavras do Papa Francisco:

> *"«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais."*

A fé em Jesus torna-nos vivos e confiantes, mesmo no meio de grandes tempestades. O nascimento de Jesus torna a nossa fé mais viva e mais próxima do nosso Deus.

> *"O nascimento de Jesus não é uma fábula: é uma história que realmente aconteceu, ocorrida em Belém dois mil anos atrás. A fé nos faz reconhecer naquele pequeno Menino, nascido da Virgem Maria, o verdadeiro Filho de Deus, que por nosso amor se fez homem."*
>
> Papa Bento XVI

NATAL,
TEMPO DE FÉ

O Natal significa muito, diz-nos muito, temos sempre muita coisa no coração quando falamos do Natal. É uma época muito especial.

A noite de Natal continua a comover os corações. O que celebramos enche-se de "magia". Peregrinações de pessoas seguem até Lisboa para ver as luzes. As aldeias e cidades enchem-se de Vilas Natal que parecem ter saído da *Disneyland*. Faz-nos entrar em outra dimensão. A Neve; Os Duendes; O Pai Natal a subir á janela, as renas. Entramos uma espécie de época sonho. A Televisão enche-se de filmes e anúncios que nos agarram á Televisão. As mesas enchem-se de doces que nos fazem suspirar. As luzes fazem-nos caminhar numa espécie de outra dimensão, as nossas casas passam a ser de revista: A arvore é do Natal. A Toalha é do Natal. As travessas são do Natal. Os bibelôs são do Natal e de repente tudo parece ser do Natal, sendo que ao cantinho há um presépio que também é do Natal.

E o presépio, segue também nesta viagem cheia de magia. Fica embrulhado com os presentes, com os Pais Natal, com os comboios e soldadinhos, com as vilas Natal e fica no meio desta ideia de sonho e magia que nos distancia daquilo que vivemos. E o presépio também pode ficar nesta dimensão de sonho e magia.

Um Estábulo com uns animais e com uns anjos, e podemos cair na ideia de vila presépio e deixarmos de aperceber que aquilo realmente aconteceu mesmo. O Pai Natal sabemos que não existiu, os duendes sabemos que não existem, as renas e o Rudolfo sabemos que não existiram também e podemos ficar

a acreditar que o presépio é mais uma coisa do Natal que não existiu. Mas existiu e fez o Natal! Não é só mais um elemento do Natal, é a fonte do Natal, é o Natal! E tudo o que vivemos nasceu disto mesmo.

Podemos não nos aperceber, mas o presépio encerra em si um mistério muito grande, muito mais daquilo que vemos nas peças de barro da nossa casa. O Natal faz despontar em nós uma alegria e no presépio essa alegria faz-se carne. O Presépio é como se fosse uma fotografia com 2000 anos.

Perante o presépio, há duas opções, ficar a admirá-lo, e todos fazemos!

Ou querer fazer parte d´Ele! Querer mergulhar dentro dele. Entrar dentro do presépio. Fazer do nosso coração um presépio.

A Manjedoura pode ser o nosso coração, as nossas dores, as nossas feridas, as nossas ansiedades, os nossos sofrimentos, os nossos pecados, as nossas tristezas, aquilo que não temos resposta. É aí a principal manjedoura de Jesus neste Natal. É precisamente aí, nesse sítio, que Ele quer nascer. É surpreendente. Mas Jesus tem essa maneira de agir, ser surpreendente. Um Deus que nasce num estábulo, é surpreendente. E ele quer nascer aí mesmo, nesses sítios que te doem. Ele quer tocar, curar. Desde pequenino foi isso que Ele fez. Dar-nos vida. Dar-nos amor.

Uma história contada pelo Papa Francisco:

> *"Conta uma graciosa história que, no nascimento de Jesus, os pastores acorriam à gruta com vários dons. Cada um levava o que tinha, ora os frutos do seu trabalho, ora algo precioso. Mas, enquanto todos se prodigalizavam com generosidade, havia um pastor que*

não tinha nada. Era muito pobre, não tinha nada para oferecer. E enquanto todos se emulavam na apresentação dos seus dons, ele mantinha-se aparte, com vergonha. A dada altura, São José e Nossa Senhora sentiram dificuldade para receber todos os dons, especialmente Maria que devia segurar nos braços o Menino. Então, vendo com as mãos vazias aquele pastor, pediu-lhe que se aproximasse e colocou-lhe Jesus nas mãos. Ao acolhê-Lo, aquele pastor deu-se conta de ter recebido aquilo que não merecia: ter nas mãos o maior dom da História. Olhou para as suas mãos, aquelas mãos que lhe pareciam sempre vazias: tornaram-se o berço de Deus. Sentiu-se amado e, superando a vergonha, começou a mostrar aos outros Jesus, porque não podia guardar para si o dom dos dons.

Querido irmão, querida irmã, se as tuas mãos te parecem vazias, se vês o teu coração pobre de amor, esta é a tua noite. Manifestou-se a graça de Deus, para resplandecer na tua vida. Acolhe-a e brilhará em ti a luz do Natal."

Ele nasce para ti! Não te esqueças disto!

PARA DISCUTIR

Procuro discutir em equipa os temas da fé da esperança, pedindo a alguém da equipa que dê o seu testemunho de fé.

Tento perceber em equipa como é que o Advento e o Natal podem ser momentos onde a fé e a esperança são rejuvenescidas e revigoradas.

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Fazer uma manhã ou uma tarde de retiro de silencio e oração, em equipa ou sozinho. Pode-se pedir ajuda a um amigo ou a um padre para orientar este tempo de oração. É importante que seja sem telefone.

PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, 1812 -1821
- São João Paulo II, *Homilia na Noite de Natal do ano 2000* https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20001225_midnight.html
- Papa Francisco, *Homilia na oração pelo fim da pandemia* https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html
- Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial da Juventude 2024* https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20240829_messaggio-giovani_2024.html
- Bishop Barron, *Homilia no Advento* https://www.youtube.com/watch?v=Da4HKdJPmRE´

PARA REZAR

O que faço eu aqui? Jesus que faço eu aqui?
O que faço eu aqui junto deste presépio?
O que faz aqui esta Mãe e este Pai? O que faz aqui este boi e esta vaca?
O que fazem aqui aqueles Pastores? Ou os Reis que em camelos acabam de chegar?
Todos parecem saber bem o que aqui fazem, menos eu.
Mas sem saber bem, fui escolhido para aqui estar.
Escolhido para Te contemplar, escolhido para Te adorar.
Não sei como o fazer, não sei como aqui estar e nem sei bem o que pensar.
Mas faço como eles, fico aqui a olhar para Ti.
Riste-te para mim, apertas o meu dedo com as Tuas mãos tão pequeninas.
E sem saber como, rendo-me a Ti. Ajoelho-me!
E os teus Pais, ajoelhados, abraçam-se a mim e agarrados ficamos assim os três, a olhar para Ti!
Vou pensando,
Lembro-me da história de Nossa Senhora, sem saber como, confiou e disse Sim!
Lembro-me da história de São José, sem saber o porque, confiou e disse Sim!
Lembro-me da história dos Pastores, sem perceberam, confiaram e disseram Sim!
Lembro-me da história de João Paulo II, de Francisco de Assis, de Teresa de Calcutá, de João Bosco, de Santo António, dos Pastorinhos, de Carlo Acutis e de tantos outros homens que,

sem perceberam porque tinham sido escolhidos, confiaram e disseram Sim!
Hoje acho que sou eu, surpreendo-me como escolhes alguém tão frágil como eu para nasceres, mas vejo que há 2000 anos foram as palhas, e hoje é o meu coração.
Confio em Ti! Dou-te a minha mão! E com uma alegria difícil de explicar, Te digo:
"Sim Jesus"!
E agarrado à Tua mão pequenina, fico aqui a contemplar-Te nas palhas deitado!
E agora confiado, já percebo, o que faço aqui!

PS

Sendo esta a reunião mais perto do Natal, tenta celebrá-lo também na tua reunião de equipa, com um jantar mais festivo, com uma mesa mais bonita, tal como uma família faz na noite de Natal.

Podes fazer também trocar presentes na tua equipa com o amigo secreto.

Georges Rouault – Les Disciples

5_Jan

PARA QUEM SOU EU?

Chegou a hora de olharmos de frente para o desejo que todos temos de encontrar um significado e um propósito para a nossa vida. Procuramos mais do que alegrias passageiras, temos desejos de infinito e fomos criados para uma vida maior do que esta.

De facto, todos temos uma vocação, um chamamento de Deus à santidade e à comunhão com Ele, que dá sentido à nossa existência. Essa vocação é única para cada pessoa, moldada pela vontade de Deus e construída pela nossa resposta. Como Abraão, responder a esse chamamento exige coragem para abandonar seguranças humanas e confiar num projeto maior, que nos transforma a nós e nos orienta para os outros.

PARA COMEÇAR

Romano Guardini, *A criação do Homem*

Senhor Deus, Vós criastes todas as coisas.
Destes-lhes o ser, assentaste-las em seus fundamentos e fixastes-lhes as medidas.
Estão cheias do vosso mistério, que nos comove o coração, quando se inclina para Vós.
Também a nós, criaturas humanas, nos chamastes à existência, Senhor, e nos colocastes entre Vós e as coisas.
Criastes-nos à vossa imagem e tornastes-nos participantes no vosso domínio.
Colocastes o vosso mundo em nossas mãos, para que ele nos sirva e realizemos nele a nossa tarefa.
Mas devemos estar-Vos sujeitos, e o nosso domínio transforma-se em revolta quando não nos inclinamos diante de Vós que sois o único que leva na cabeça a coroa eterna e sois Senhor por direito próprio.
É maravilhosa, Senhor, a vossa magnanimidade.
Não temestes pela vossa soberania ao criardes seres que dispõem de si mesmos e ao confiardes a vossa vontade à sua liberdade.
Sois grande, Senhor, e verdadeiramente real.
Deixastes em minhas mãos a honra da vossa vontade.
Cada palavra da vossa revelação repete que Vós me estimais e confiais em mim, que me dais grandeza e responsabilidade.
Ensinai-me a compreendê-lo.
Dai-me a santa maioridade de alma capaz de receber o direito que concedeis e de tomar sobre ela a responsabilidade que lhe encargais.
Conservai acordado o meu coração para que esteja sempre diante de Vós, e fazei que todos os meus atos se transformem nesta dominação e obediência a que me chamastes. Ámen.

DEUS CHAMA!

Do Livro dos Génesis

Gn 12, 1O SENHOR disse a Abrão: «Deixa a tua terra, a tua família e a
casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. 2Farei de ti
um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e
serás uma fonte de bênçãos. 3Abençoarei aqueles que te
abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E
todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.» 4Abrão
partiu, como o SENHOR lhe dissera, levando consigo Lot. Quando
saiu de Haran, Abrão tinha setenta e cinco anos. 5Tomou Sarai,
sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, assim como todos os bens
que possuíam e os escravos que tinham adquirido em Haran, e
partiram todos para a terra de Canaã, e chegaram à terra de
Canaã. 6Abrão percorreu-a até ao lugar de Siquém, até aos
carvalhos de Moré. Os cananeus viviam, então, naquela
terra. 7O SENHOR apareceu a Abrão e disse-lhe: «Darei esta terra
à tua descendência.» E Abrão construiu ali um altar ao SENHOR,
que lhe tinha aparecido. 8Deixando esta região, prosseguiu até
ao monte situado ao oriente de Betel, e montou ali as suas
tendas, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente. Construiu
também um altar ao SENHOR e invocou o seu nome. 9Abrão
continuou a sua viagem, acampando aqui e ali, em direcção ao
Négueb.

Do Evangelho Segundo São João

Jo 1, 35No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois
dos seus discípulos. 36Então, pondo o olhar em Jesus, que
passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» 37Ouvindo-o falar
desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. 38Jesus

voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que pretendeis?» Eles disseram-lhe: «Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?» [39]Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde. [40]André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus. [41]Encontrou primeiro o seu irmão Simão, e disse-lhe: «Encontrámos o Messias!» - que quer dizer Cristo. [42]E levou-o até Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás-de chamar-te Cefas» - que significa Pedra.

A VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE

Cada um de nós faz a experiência na vida, mais cedo ou mais tarde, de descobrir dentro do seu coração um profundo desejo de que o facto de existir e respirar e acordar todos os dias não seja em vão, de que a sua vida, por mais curta ou longa que seja, valha a pena, de que ela não seja desperdiçada em coisas que se esgotam tão depressa como surgiram. Ainda que muitas vezes vivamos mais ou menos dominados por pequenos prazeres ou conquistas que nos dão a ilusão de termos atingido a felicidade a que julgamos ter direito, há no mais fundo daquilo que somos um desejo muito sério de que a nossa vida seja para muito mais do que isso: vemo-nos limitados, mortais, tantas vezes incapazes, mas ao mesmo tempo o nosso coração anseia por mais, por se alargar e poder procurar uma vida com significado e sentido.

Tenhamos ou não consciência, manifesta-se aí aquele desejo – que Deus inscreve no nosso coração (cf. Catecismo da Igreja Católica, 27) – de poder viver a vida em amizade com Aquele que nos criou, nos sustenta e nos ama, de ter com Deus uma

relação que determine o nosso dia-a-dia, que nos dê critérios para poder decidir e agir bem, que nos faça verdadeiramente felizes. E é precisamente a isto que a Igreja chama a **"vocação universal à santidade"**, que em nada nos distingue uns dos outros mas antes nos torna realmente próximos, porque todos feitos para o mesmo: para conhecer, amar e servir a Deus, e n'Ele, aos outros. Por isso, se quisermos dar uma primeira resposta, comum e convicta, à pergunta deste tema – **Para quem sou eu?** – podemos bem fazer como em qualquer encontro nacional ou peregrinação das Equipas e cantar a plenos pulmões: «Ao Alto, Equipas!». Este refrão do nosso hino relembra ao nosso coração para onde deve apontar a sua meta: foi para o Alto que fomos criados, para que a nossa vida não se contente com nada menos do que com «as coisas do Alto» (cf. Cl 3,2), com o Céu.

UMA VOCAÇÃO CONCRETA

Ora, apesar deste chamamento a uma vida em comunhão com Deus que a todos nos é feito, Deus cria-nos de um modo absolutamente único e singular, pensando para cada um de nós um desígnio, um plano pessoal, **uma vocação concreta**. Dizia-o São John Henry Newman: «Eu fui criado para fazer ou para ser alguma coisa para a qual mais ninguém foi criado; eu tenho um lugar nos conselhos de Deus, no mundo de Deus, que mais ninguém tem… Deus conhece-me e chama-me pelo nome.» Ser um missionário em África, formar uma família e educar os filhos, ser padre ou freira, ser um bom médico ou gestor, ser uma monja de clausura, são tudo formas específicas do chamamento que Deus faz a cada um dos Seus filhos para que as suas vidas sejam para a maior glória de Deus, para o bem dos outros e para a sua santificação pessoal. A nossa

vocação é muito mais do que a carreira que planeamos ou inventamos exclusivamente de acordo com a nossa vontade. É antes a abertura da nossa vida (com as nossas apetências e talentos mais inatos) à nova perspetiva que a vontade de Deus para nós lhe traz (ainda que, por vezes, bem distante daquilo que naturalmente podíamos esperar). Vale a pena ler o que escreveu sobre isto o antigo Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, num encontro com os jovens na semana das vocações em 1985:

> *«A vocação é a realização de um projeto de vida que nós confrontamos com a vontade de Deus. Há um projeto de vida que cada um de nós deve ter, e devemos mesmo procurar construir esse projeto. Mas que não o façamos sozinhos. Devemos procurar fazê-lo confrontando o projeto com aquilo que Deus quer: o que é que Deus quer de mim?* ***Quando esse projeto de vida é confrontado com a vontade de Deus e amadurecido à luz dessa perspetiva, ele transforma-se em vocação.***»

Levar a sério o desejo de corresponder ao projecto de vida, à vocação que Deus tem para mim implica estar disposto a ouvir a Sua voz e a tomar a decisão firme de O seguir para onde quer que me aponte o caminho. E, na verdade, não há melhor lugar para perceber isto do que na história da Salvação que a Sagrada Escritura nos conta.

ABRAÃO

Comecemos por olhar, no Antigo Testamento, para a história da vocação de Abraão, justamente chamado o nosso "pai na fé", de tal modo foi determinante a sua abertura de coração ao novo horizonte de vida que Deus lhe lançou já em avançada idade. O relato que nos é apresentado neste tema (Gn 12,1-8) ajuda-nos a ter em conta algumas ideias importantes:

1) **a iniciativa de Deus** – veja-se como tudo começa com Deus a dirigir-se a Abraão: qualquer chamamento vocacional parte de Deus, do Seu desejo de Se relacionar connosco. E isto põe-nos no nosso lugar, porque embora Deus também nos chame a construir a nossa vida (com plena liberdade e responsabilidade), não fomos nós que nos criámos e, por isso, vivemos sempre em resposta ao Deus que nos criou por amor;

2) **a exigência radical do convite de Deus** – «Deixa a tua terra… e vai para a terra que Eu te indicar»: Deus não pede pouco a Abraão, mas que largue tudo o que tinha como seguro para o seguir, o que nos lembra que a vocação de Deus para a nossa vida nunca é para deixar tudo como está, para continuarmos instalados nas nossas seguranças humanas, mas sim para nos apontar um caminho que vai para lá de tudo aquilo que julgávamos possível (e isto, porque Deus já vê aquilo que ainda não sabemos de que seremos capazes);

3) **a promessa de felicidade** – «Farei de ti um grande povo»: quando Deus me chama a um projecto de vida com Ele, garante-me a certeza de um bem maior que me espera, a mim e aos que estão à minha volta («todas as famílias…»). Por isso, viver fielmente os desafios que Deus me faz, ser fiel à minha vocação, não só é bom para mim como faz bem ao mundo;

4) por fim, **a gratidão de Abraão** – construir altares era um dos modos que Abraão e os seus contemporâneos tinham de expressar um louvor agradecido a Deus por algum bem concedido. Também esta deve ser a marca de uma vida verdadeiramente aberta à vocação que Deus nos aponta: com a alegria profunda de quem vive consciente do grande dom divino que recebeu e deseja segui-lo.

O modo como Deus toca os corações dos Homens de cada tempo e os chama a uma vida com Ele é de tal modo perene e constante que isso fica bem visível tanto no Antigo como no Novo Testamento. Depois de termos conhecido o início da história de Abraão, vejamos agora a grande beleza do texto relativo à vocação dos primeiros discípulos de Jesus, tal como apresentada no Evangelho de São João.

OS PRIMEIROS DISCÍPULOS

Antes de tudo mais, volta a ler o texto de Jo 1, 35-42, e deixa-te agarrar, em oração, pela força do diálogo entre Jesus e os discípulos. Também em relação a este relato, vale a pena sublinhar alguns pontos que nos ajudem a tirar o maior proveito do grande tesouro sobre a natureza do encontro com Jesus que é este texto:

1) **João Baptista aponta para Jesus** (v. 36) – na nossa história de fé, cada um de nós há-de encontrar os seus "Joões Baptistas", aqueles que nos transmitiram a fé, que nos falaram de Jesus e O mostraram com a sua vida, que apontaram o nosso olhar para Aquele que há-de ser o Amor maior das nossas vidas – dêmos graças por eles;

2) **os primeiros passos atrás de Jesus** (v. 37) – a força do testemunho dado sobre Jesus é de tal forma decisivo que, como os discípulos, damos por nós a viver um primeiro deslumbramento que nos leva a ir seguindo Jesus, como quem vai atrás de uma certa intuição de que vale a pena confiar em quem nos falou d'Ele e arriscar conhecê-l'O;

3) **«Rabi, onde moras?»** (v. 38) – até que naturalmente chega o tempo das primeiras perguntas e inquietações, de ir pedindo a Jesus que me mostre a verdade sobre Si e sobre mim próprio, num desejo cada vez mais forte de me aproximar e de O conhecer mais profundamente;

4) **«Vinde e vereis»** (v. 39) – encontramos aqui um passo crucial: Jesus chama-nos a um seguimento mais radical, com a vida toda, convidando-nos a permanecer com Ele para O poder amar inteiramente (já agora, vale a pena notar a diferença dos tempos verbais: «vinde» agora e «vereis» depois – o que também nos mostra como seguir Jesus é sempre uma experiência de abandono e confiança na Sua graça);

5) **«Encontrámos o Messias!»** (v. 41) – essa experiência de abandono e entrega a Cristo gera em nós um grito certo e seguro de ter encontrado o Messias, Aquele por quem esperámos, que cumpre as exigências mais altas do nosso coração, da nossa inteligência, da nossa vontade, que compromete a nossa vida por completo, que nos impele a dar testemunho e a comunicar a vida nova que descobrimos na sua amizade;

6) **«Hás-de chamar-te Cefas»** (vv. 42) – por fim, vale a pena notar duas coisas sobre isto que Jesus diz a Simão Pedro: o olhar que Jesus tem sobre cada um de nós e que somos chamados a acolher é de tal forma vocacional que imprime um novo rumo à nossa vida, chegando mesmo, neste caso, a dar-

nos um nome novo; a referência à figura de São Pedro, pedra sobre a qual Jesus edifica a sua Igreja (cf. Mt 16,18), lembra-nos também que uma verdadeira história de descoberta vocacional precisa de ser sustentada pela Igreja, pois seja a nossa vocação concreta a que for, ela é sempre uma vocação ao serviço da própria Igreja (se sou um bom padre ou uma boa freira, sirvo a Igreja; se sou uma boa mãe ou um bom pai, sirvo a Igreja; se sou um profissional competente no meio do mundo, sirvo a Igreja). Independentemente da resposta específica que seja chamado a dar à pergunta "para quem sou eu?", ela será sempre, de certo modo, "sou para a Igreja".

Depois de entrarmos a fundo nestes dois textos bíblicos tão espantosos, muito mais poderíamos dizer sobre aquilo que é ou não é a vocação. Mas procurando focar no essencial, importa deixar bem claro: a questão da descoberta e da vivência da vocação na minha vida não é uma peça em que eu sou o ator principal, em que tudo gira à minha volta, dos meus gostos, dos meus apetites e vontades de cada momento, mas é antes aquilo em que a minha vida se pode tornar depois de me encontrar decisivamente com Jesus: **pondo-O a Ele no centro, posso então descobrir o meu lugar no mundo, aquilo para que fui criado, qual o desejo último que Deus tem para mim.** Como diz o famoso teólogo e bispo americano, Robert Barron, a vocação não é um *ego*drama, mas sim um *teo*drama, não é sobretudo acerca de mim, mas acerca das graças que Deus, através de mim, pode trazer ao mundo, o que, por consequência, há-de fazer de mim alguém verdadeiramente feliz e realizado.

E se porventura nos surgir a questão de saber como descobrir realmente a vocação de Deus para nós e que meios podemos encontrar para fazer esse caminho, voltamos ainda, a terminar, ao mesmo texto do Cardeal D. António Ribeiro, em 1985:

«A Igreja oferece-nos a Palavra de Deus, antes de mais nada. É a Igreja que nos apresenta essa Palavra. A Igreja oferece-nos a possibilidade de nos pormos em comunhão com Cristo, de recebermos a sua graça através dos sacramentos e da oração. A Igreja oferece-nos a reflexão sobre as necessidades do mundo e da própria Igreja. Tudo isto são elementos que a Igreja nos oferece para descobrirmos a nossa vocação. E, no geral, não há outra maneira de a descobrir. ***Não estejais à espera de ouvir um segredinho ao ouvido que vos diga qual há-de ser a vossa vocação. A vocação descobre-se meditando a Palavra de Deus, sendo assíduos à oração, procurando unirmo-nos a Cristo e seguir Cristo, olhando para o mundo e para a Igreja, vendo as necessidades que existem.*** *Tudo isto são apelos, são convites que nos ajudam a descobrir a nossa vocação.»*

PARA DISCUTIR

Que ideia tenho do conceito "vocação"? Estou consciente de que todos temos uma vocação: quer uma vocação comum à santidade quer uma vocação concreta e específica?

Percebo a vocação como um verdadeiro projeto de vida construído sempre em aliança com Deus e à luz da sua Palavra, na oração, nos sacramentos, na direção espiritual e na vida da Igreja?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Fazer um sorteio de nomes entre os membros da equipa e rezar todos os dias do próximo mês para que o nome que me calhou seja fiel à vocação a que Deus o chama;

Durante o próximo mês, ir em equipa visitar uma comunidade de vida consagrada (seja um seminário, uma comunidade de irmãs de vida ativa ou de clausura, etc.).

PARA APROFUNDAR

- Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal* Pastores dabo vobis *sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais*, 1992, cap. IV
- Papa Francisco, *Exortação Apostólica* Gaudete et exsultate *sobre o chamamento à santidade no mundo atual*, 2018, cap. I
- Papa Francisco, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal* Christus vivit *aos jovens e a todo o povo de Deus*, 2019, cap. VIII e IX
- Papa Bento XVI, "As vocações, dom do amor de Deus ", in *Mensagem para o 49º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, 2012
- Luís Alberto Martins, org., *O Cardeal Ribeiro com os jovens. Excertos de comunicações do Cardeal-Patriarca Dom António Ribeiro aos jovens da diocese de Lisboa*, 2021, Lucerna

PARA REZAR

Charles de Foucauld, *Oração do Abandono*

Meu Pai,
Eu me abandono a Ti,
Faz de mim o que quiseres.
O que fizeres de mim,
Eu te agradeço.

Estou pronto para tudo, aceito tudo.
Desde que a Tua vontade se faça em mim
E em tudo o que Tu criastes,
Nada mais quero, meu Deus.

Nas Tuas mãos entrego a minha vida.
Eu Te a dou, meu Deus,
Com todo o amor do meu coração,
Porque Te amo
E é para mim uma necessidade de amor dar-me,
Entregar-me nas Tuas mãos sem medida
Com uma confiança infinita
Porque Tu és...
Meu Pai!

Mike Moyers – Who You Say I Am

6_Fev

QUEM É DEUS?

Este mês, paramos para considerar a relação de Deus com o ser humano, sabendo que na Sua presença estamos sempre diante do “Mistério absoluto”, tal como nos dois grandes momentos bíblicos que aqui vamos tratar: a revelação do nome de Deus a Moisés na sarça ardente e a Transfiguração de Jesus no monte Tabor. Em ambos, Deus Se revela, mas fá-lo de de forma diferente. No diálogo com Moisés, Deus dá conta da Sua natureza transcendente, dizendo "Eu Sou Aquele que Sou", um nome que escapa a qualquer definição e controle humano. Já na Transfiguração, Jesus, o "Filho muito amado", aproxima os discípulos de Deus, vencendo a distância que separa o divino do humano. Em Jesus, somos convidados a construir uma relação próxima e íntima com Deus, e a chamar-Lhe Pai.

PARA COMEÇAR

Frei José Augusto Mourão, *Penitencial*

vimos lavar os olhos
do excesso de imagens em que nos afoga o mundo

vimos purificar os lábios
de muita palavra de fel e ironia
que não salva

vimos procurar
no poço do mundanal silêncio
o sopro que ordenava o caos

buscamos a verdade
do nosso desejo no intervalo da luz
que vem do alto e transfigura

às portas do silêncio nos ajoelhamos
que a água da misericórdia
cure a nossa memória infiel:
Kyrie eleison

DEUS DÁ-SE A CONHECER

Do Livro do Êxodo

Gn 3, 1Moisés estava a apascentar o rebanho de Jetro, seu sogro,
sacerdote de Madian. Conduziu o rebanho para além do deser-
to, e chegou à montanha de Deus, ao Horeb. 2*O anjo do SENHOR
apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio da sarça. Ele olh-
ou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devora-
da. 3Moisés disse: «Vou adentrar-me para ver esta grande
visão: por que razão não se consome a sarça?» 4O SENHOR viu
que ele se adentrava para ver; e Deus chamou-o do meio da
sarça: «Moisés! Moisés!» Ele disse: «Eis-me qui!» 5Ele disse: «Não
te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés, porque o
lugar em que estás é uma terra santa.» 6E continuou: «Eu sou o
Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de
Jacob.» Moisés escondeu o seu rosto, porque tinha medo de
olhar para Deus. 7O SENHOR disse: «Eu bem vi a opressão do meu
povo que está no Egipto, e ouvi o seu clamor diante dos seus
inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. 8Desci a
fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta
terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana
leite e mel, terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu,
do heveu e do jebuseu. 9E agora, eis que o clamor dos filhos de
Israel chegou até mim, e vi também a tirania que os egípcios
exercem sobre eles. 10E agora, vai; Eu te envio ao faraó, e faz sair
do Egipto o meu povo, os filhos de Israel.» 11Moisés disse a Deus:
«Quem sou eu para ir ter com o faraó e fazer sair os filhos de
Israel do Egipto?» 12Ele disse: «Eu estarei contigo. Este é para ti o
sinal de que Eu te enviei: quando tiveres feito sair o povo do
Egipto, servireis a Deus sobre esta montanha.» 13Moisés disse a
Deus: «Eis que eu vou ter com os filhos de Israel e lhes digo: 'O
Deus dos vossos pais enviou-me a vós'. Eles dir-me-ão: 'Qual é
o nome dele?' Que lhes direi eu?» 14*Deus disse a Moisés: «*EU SOU*

AQUELE QUE SOU.» Ele disse: «Assim dirás aos filhos de Israel: '*Eu sou*' enviou-me a vós!» [15]Deus disse ainda a Moisés: «Assim dirás aos filhos de Israel: 'O SENHOR, Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me a vós: este é o meu nome para sempre, o meu memorial de geração em geração'. [16]Vai, reúne os anciãos de Israel e diz-lhes: 'O SENHOR, Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, apareceu-me e disse: Observei-vos com atenção e vi o que vos tem sido feito no Egipto, [17]e Eu disse para comigo: Far-vos-ei subir da opressão do Egipto para a terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu, do heveu, do jebuseu, para a terra que mana leite e mel'. [18]Eles escutarão a tua voz, e tu irás, tu e os anciãos de Israel, à presença do rei do Egipto, e dir-lhe-eis: 'O SENHOR, Deus dos hebreus, saiu ao nosso encontro; e agora permite-nos fazer uma peregrinação de três dias pelo deserto, para oferecermos sacrifícios ao SENHOR, nosso Deus.' [19]Eu bem sei que o rei do Egipto não vos deixará partir senão obrigado por mão forte. [20]Estenderei então a minha mão e ferirei o Egipto com todas as maravilhas que farei no meio dele. Depois disso, deixar-vos-á partir. [21]E Eu farei este povo encontrar benevolência aos olhos dos egípcios; e assim, quando partirdes, não ireis de mãos vazias. [22]Cada mulher pedirá à sua vizinha e àquela que habita na mesma casa, objetos de prata, objetos de ouro e mantos, que poreis sobre os vossos filhos e sobre as vossas filhas. E assim despojareis os egípcios.»

Do Evangelho Segundo São Mateus

Mt 17, [1]Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e levou-os, só a eles, a um monte. [2]Transfigurou-se diante deles: o seu rosto resplandeceu como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. [3]Nisto, apareceram

Moisés e Elias a conversar com Ele. [4]Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: «Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.» [5]Ainda ele estava a falar, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra, e uma voz dizia da nuvem: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-o.» [6]Ao ouvirem isto, os discípulos caíram com a face por terra, muito assustados. [7]Aproximando-se deles, Jesus tocou-lhes, dizendo: «Levantai-vos e não tenhais medo.» [8]Erguendo os olhos, os discípulos apenas viram Jesus e mais ninguém. [9]Enquanto desciam do monte, Jesus ordenou-lhes: «Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos.»

O DEUS DA ALIANÇA

Moisés apercebe-se de um sinal extraordinário, uma sarça que arde, mas não se consome, e aproxima-se para perceber o que se passa. Ouve então a voz do Senhor, que o manda tirar os sapatos, porque está em solo sagrado. Moisés percebe então que aquilo que está a ver não é apenas um fenómeno extraordinário, que excita a curiosidade. É ação de Deus. Da curiosidade, passa para um certo temor e reverência.

O Senhor apresenta-se a Moisés invocando a Aliança que fez com o povo judeu – Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob (Ex 3, 6). Esta relação não começou ontem. Já atravessou várias gerações e, em todas elas, Deus mostrou-Se fiel. Também para nós é útil olhar para o passado. Quando tudo parece perdido, encontraremos aí o registo do bem que Deus já fez por nós, e isso ajudar-nos-á a confiar.

QUANTO VALE UM NOME?

O nome é uma coisa poderosa. Por um lado, permite o conhecimento, a comunicação e a relação. O primeiro passo para conhecer alguém é saber como se chama. Saber o nome de alguém é um princípio de conversa: permite-me chamá-lo e começar um diálogo.

Ao mesmo tempo, o nome é uma forma de definir uma realidade. Quando o quarto está escuro, não sei ver se o vulto que tenho à frente é uma mesa ou uma cadeira. Mas, quando consigo identificá-lo e dar-lhe nome, a realidade torna-se-me conhecida e encaro-a com mais confiança.

Quando Deus cria os animais da terra, pede ao homem para lhes dar nome. Deste modo, o homem torna-se conhecedor de toda a biodiversidade existente. Conhece e, conhecendo, também controla. Nomear é conhecer, conhecer é definir e definir é controlar.

Quando, neste episódio, Moisés pergunta a Deus pelo nome, recebe uma resposta enigmática: "EU SOU AQUELE QUE SOU. Assim dirás aos filhos de Israel: 'Eu sou' enviou-me a vós!" (Ex 3, 14). Resposta que nos pode parecer evasiva, mas que é, na verdade, muito profunda. Deus está a dizer a Moisés que não pode ser definido. A grandeza de Deus não cabe num nome; não pode ser limitada por uma designação específica. E o que não pode ser definido não pode ser controlado. É, numa palavra, transcendente.

Por outro lado, parece haver aqui uma intuição importante para as nossas vidas: Deus dá-Se a conhecer a Moisés. Não quer ocultar-Se dele, não quer fugir à relação. Pelo contrário, foi Ele que chamou Moisés. Mas não quer ser conhecido diretamente,

através de um nome. Quer ser conhecido através da Sua intervenção, da Sua Aliança. Por isso, não diz o Seu nome, mas diz os nomes de Abraão, Isaac e Jacob, ou seja, das pessoas com quem Se tinha relacionado e a quem tinha sido fiel.

SIMPLESMENTE SER

"Eu Sou" é, por outro lado, um título com uma grande densidade filosófica.

Quando uma pessoa se apresenta, também diz eu sou, mas tem de acrescentar um predicado a esta frase. Eu sou fulano, ou eu sou filho de fulana, ou eu sou ator. Depois de afirmar a sua existência (sou), a pessoa tem de especificar a sua essência (fulano, filho de fulana, ator…). A existência daquela pessoa concretiza-se na especificidade da sua identidade.

Ora, o que Deus está a dizer, quando se apresenta unicamente com Eu Sou é que Ele não precisa de quaisquer predicados. Deus simplesmente é. Ou, dito em termos mais filosóficos, a existência de Deus coincide com a Sua essência. Por isso, Deus não pode ser limitado de modo algum. Ele é (para voltarmos ao vocabulário filosófico) o Puro Ato de Ser.

Quando especifico que algo é uma cadeira, estou a dizer, ao mesmo tempo, que não é uma mesa, ou uma estante, ou um candeeiro. Com Deus, não posso fazer esse exercício. Deus simplesmente é. E isso, por muito complexo que pareça, é crucial para nós: é a existência de Deus que sustenta a nossa existência. É Deus que nos sustenta no ser.

Estas coisas são densas e complexas, e parecem tornar difícil que nos aproximemos de Deus. Como podemos relacionar-nos

com Alguém tão inalcançável e sublime? Como podemos estabelecer um vínculo de amizade com uma Realidade tão grande, distante e esmagadora? Ficamos como Moisés, que "escondeu o seu rosto, porque tinha medo de olhar para Deus" (Ex 3, 6).

FILHO MUITO AMADO

Voltemo-nos agora para o episódio da Transfiguração. Nele, voltamos a ser convidados a subir ao monte, mas, desta vez, não vamos sozinhos (como Moisés na narrativa do Êxodo). Vamos com Pedro, Tiago e João, mas, sobretudo, vamos com Jesus, e essa companhia faz toda a diferença.

No monte, os discípulos também são confrontados com uma manifestação sobrenatural do divino. Primeiro, veem um milagre: não é uma sarça ardente, mas é o próprio Jesus que Se transfigura. "O Seu rosto resplandeceu como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz" (Mt 17, 2).

Depois, também eles são recordados das promessas da antiga Aliança, porque "apareceram Moisés e Elias a conversar com Ele" (Mt 17, 3). Diante disto, estão fascinados. Querem ver mais. Querem ficar ali.

É então que tudo parece mudar. A manifestação do sobrenatural torna-se demasiado grande, demasiado total para que eles possam suportá-lo. Ouve-se a voz do próprio Deus que, de uma nuvem, diz: "Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-O" (Mt 17, 5). E os discípulos, tal como Moisés, "caíram com a face por terra, muito assustados" (Mt 17, 6). Tudo aquilo é demasiado grandioso para a sua pequenez.

A novidade vem depois. Ao contrário de Moisés, que estava sozinho com Deus, os discípulos não estão. "Aproximando-se deles, Jesus tocou-lhes, dizendo: Levantai-vos e não tenhais medo" (Mt 17, 7).

Só Jesus, o Filho muito amado, pode vencer a nossa irremediável distância face a Deus. Ele é, ao mesmo tempo, Deus e homem e, por isso, manifesta o amor e a omnipotência de Deus de uma forma que nos parece humana. Que não nos esmaga, que não nos parece demasiado grande para assimilarmos. Jesus traduz a grandeza de Deus de uma forma humana, que podemos captar e amar mais concretamente.

Este é o meu Filho muito amado, diz Deus. E Jesus, como sabemos, gasta toda a Sua vida pública a permitir que nós também possamos invocar esse título. Com Ele, por Ele e n'Ele, rezamos o Pai nosso e tratamos a Deus por Pai. Somos inseridos no coração da relação divina entre Pai e Filho. Passamos a fazer parte, por adoção, dessa relação fundamental.

Tudo isto são mistérios muito grandes, mas nos quais vale a pena pensar. É muito diferente dizer Eu Sou ou dizer Pai.

PARA DISCUTIR

Deus apresenta-se a Moisés como o Deus da Aliança, o Deus dos antepassados. Nós estamos habituados a reconhecer em Deus um Aliado? E um Aliado que nos conhece e nos ama através das gerações? Que teve uma relação de fidelidade e cuidado para com os nossos antepassados, e agora a tem connosco?

Fazemos habitualmente memória das vezes em que a Sua presença se nos tornou manifesta e fez a diferença nas nossas vidas?

Deus é o Puro Ato de Ser, é o fundamento de toda a existência. Não apenas nos criou, como continuamente nos sustenta no ser. Temos consciência dessa relação fundamental que a Ele nos liga? Como é que ela transforma a nossa forma de olhar para Deus?

Habitualmente, reconhecemos a transcendência de Deus? Cultivamos a noção da Sua grandeza? Ainda nos espantamos com Deus? Ficamos, como Moisés e os discípulos, de rosto por terra diante da grandeza de Deus?

Saber que Deus é grande faz-nos ser mais humildes? Muda a nossa relação com os outros?

Como olhamos para Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem? Sentimo-nos filhos de Deus? Rezamos o Pai Nosso com convicção?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Ao longo deste mês, procura fazer, no final de cada dia, um exame de consciência. Não apenas para reconheceres os pecados, mas também para procurares os momentos em que Deus esteve presente no teu dia. Ter consciência dessa presença e fazer memória dela ajuda-nos a reconhecer a verdade da Aliança.

Encontra estratégias para te lembrares, durante o dia, de que és filho de Deus. Por exemplo, rezar mais vezes o Pai Nosso, com consciência das palavras que rezas, ou encontrar alguma frase que possas repetir durante o dia (como "Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito", ou "sou o teu filho muito amado").

Educa o teu olhar para seres capaz de reconhecer na hóstia consagrada a Presença de Jesus transfigurado.

Saberes-te filho de Deus também te obriga a reconhecer nos outros o sinal da filiação divina. Procura, neste mês, exercitar essa consciência. Se há uma pessoa de quem não gostes tanto, ou que te seja mais difícil, procura olhar para ela com o olhar de Deus e tratá-la com especial cuidado.

PARA APROFUNDAR

- Romano Guardini, "A Transfiguração", in *O Senhor*, 256-64
- Bishop Barron, *Who is God?* https://www.wordonfire.org/videos/sermons/who-is-god/

- D. Robert Barron, *Transfiguration and deification* https://www.wordonfire.org/videos/sermons/transfiguration-and-deification
- P. Duarte da Cunha, *Desejo e encontro: entrar e avançar na aventura da fé*
- P. Duarte da Cunha e João César das Neves, *Catecismo de São Tomás de Aquino*, 46-50
- D. Luigi Giussani, "Paixão pelo homem", in *O eu, o poder e as obras: contributos de uma experiência*, 9-25
- G. K. Chesterton, "Os paradoxos do cristianismo", in *Ortodoxia*, 115-44

PARA REZAR

Pai Nosso,
que estais nos céus
santificado seja o Vosso nome,
venha a nós o vosso reino,
seja feita a Vossa vontade
assim na Terra como no Céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal. Amen.

Georges Rouault - Jesus

7_Mar

CORPO ENTREGUE E SANGUE DERRAMADO

Queridos Equipistas, santa Quaresma!
Neste mês, tal como aconteceu no Advento, os textos que propomos não seguem a ordem cronológica da Bíblia, com que pensámos o fio condutor dos temas deste ano. Mas, neste retiro da vida da Igreja que são estes 40 dias, pareceu-nos boa ideia focarmo-nos em dois textos que nos ajudam a perceber melhor o Mistério da Páscoa de Jesus e as profecias antigas que neste acontecimento se cumprem.

PARA COMEÇAR

Frei José Augusto Mourão, *Dia Cinzento*

guia-nos, Deus,
na viagem através do deserto
até ao lugar da tua crucifixão
e da tua Páscoa

guia-nos, Deus,
da via cinzenta dos nossos dias
à. via gloriosa da tua cidade.

seja este o tempo favorável
para a confissão do pecado e do louvor,
nós que vivemos na fragilidade do corpo nómada
o imaginário do oásis
e os lugares de repouso

guia-nos, Deus,
para a inquietação que permanentemente te nomeia,
Deus em Jesus Cristo e no Espírito consolador.

O SACRIFÍCIO DE ISAAC E O SACRIFÍCIO DE JESUS

Do Livro dos Génesis

Gn 22, [1]Deus pôs Abraão à prova e chamou-o: «Abraão!» Ele
respondeu: «Aqui estou.» [2]Deus disse: «Pega no teu filho, no teu
único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à região de Moriá,
onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te
indicar.» [3]No dia seguinte de manhã, Abraão aparelhou o
jumento, tomou consigo dois servos e o seu filho Isaac, partiu
lenha para o holocausto e pôs-se a caminho para o lugar que
Deus lhe tinha indicado. [4]Ao terceiro dia, erguendo os olhos,
viu à distância aquele lugar. [5]Disse então aos servos: «Ficai
aqui com o jumento; eu e o menino vamos até além, para
adorarmos; depois, voltaremos para junto de vós.»

[6]Abraão apanhou a lenha destinada ao holocausto, entregou-
a ao seu filho Isaac e, levando na mão o fogo e o cutelo,
seguiram os dois juntos. [7]Isaac disse a Abraão, seu pai: «Meu
pai!» E ele respondeu: «Que queres, meu filho?» Isaac
prosseguiu: «Levamos fogo e lenha, mas onde está a vítima
para o holocausto?» [8]Abraão respondeu: «Deus providenciará
o cordeiro para o holocausto, meu filho.» E os dois
prosseguiram juntos. [9]Chegados ao sítio que Deus indicara,
Abraão construiu um altar, dispôs a lenha, atou Isaac, seu filho,
e colocou-o sobre o altar, por cima da lenha. [10]Depois,
estendendo a mão, agarrou no cutelo, para degolar o
filho. [11]Mas o mensageiro do SENHOR gritou-lhe do céu:
«Abraão! Abraão!» Ele respondeu: «Aqui estou.» [12]O mensageiro
disse: «Não levantes a tua mão sobre o menino e não lhe faças

mal algum, porque sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não me teres recusado o teu único filho.» [13]Erguendo Abraão os olhos, viu então um carneiro preso pelos chifres a um silvado. Foi buscá-lo e ofereceu-o em holocausto, em substituição do seu filho.[14]Abraão chamou a este lugar: «O SENHOR providenciará»; e dele ainda hoje se diz: «Na montanha, o SENHOR providenciará.»

[15]O mensageiro do SENHOR chamou Abraão do céu, pela segunda vez, [16]e disse-lhe: «Juro por mim mesmo, declara o SENHOR, que, por teres procedido dessa forma e por não me teres recusado o teu filho, o teu único filho, [17]abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar. Os teus descendentes apoderar-se-ão das cidades dos seus inimigos. [18]E todas as nações da Terra se sentirão abençoadas na tua descendência, porque obedeceste à minha voz.»

Do Evangelho de São Mateus

Mt 26, [26]Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o meu corpo». [27]Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. [28]Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados. [29]Eu vos digo: Não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai.»

UM TEXTO MUITO DIFÍCIL, MAS MUITO ESPECIAL

A ideia de Deus pedir a Abraão que ofereça em sacrifício o seu filho é uma das imagens mais difíceis de entender em todo a Bíblia. Trata-se de um texto especialmente dramático, e por isso mesmo fez correr muita tinta ao longo dos séculos e despertou o interesse dos maiores pensadores da história. Muitos foram os que criticaram a personalidade de um Deus que fazia tamanho pedido; alguns elogiaram a fé de Abraão, outros condenaram-no por amar mais a Deus que ao seu Filho, e ainda houve quem achasse que este texto era um convite à irresponsabilidade ou uma espécie de "Hino ao Absurdo".

De entre as vozes que interpretaram erroneamente este texto, sobressaem as de alguns filósofos. Immanuel Kant, no fim do séc. XVIII, opunha-se veementemente ao mandato divino dado a Abraão para sacrificar o seu único filho, dizendo que Abraão devia ter respondido: «Que não devo matar o meu filho é absolutamente certo. Mas que Tu, que me apareces, sejas Deus, não estou certo, nem poderia estar, mesmo que essa foz ressoasse do céu visível». Segundo Kant, este relato revelaria como Deus era cruel e o seu pedido monstruoso, ao mesmo tempo que mostraria como Abraão era irracional na sua relação com o divino. E, consequentemente, para o filósofo alemão, o texto provaria que este tipo de relação com Deus era fraudulento e que a religião deveria ser subordinada ao imperativo ético e racionalista.

Também Kierkegaard, já no séc. XIX, falava deste texto como exemplo acabado daquilo a que chamava o «paradoxo da fé cristã». O paradoxo consistia, neste caso, em que o Deus-amor exigia a morte do filho de Abraão; e suportar esse paradoxo era,

para o filósofo dinamarquês, o verdadeiro heroísmo do crente. Na prática, Kierkegaard sugeria que, a partir desta narrativa de Abraão e de Isaac se poderia dizer que a verdadeira fé se alcançava precisamente quando se aceitava o absurdo e a irracionalidade do divino.

No entanto, de forma vertiginosamente diferente, se formos capazes de ler este texto com as ferramentas adequadas e com o olhar sábio e fiel que a Igreja sempre tem sobre textos da sua própria tradição, percebemos que a história de Abraão e Isaac é absolutamente transformadora e significativa para nós. De facto, não podemos interpretar um texto desta magnitude meramente a partir de uma análise psicológica ou cultural às personagens – dizendo que estamos diante de um Deus cruel ou vendo em Abraão um fanático religioso –, sobretudo quando estamos a mais de 3 mil anos de distância. Só uma interpretação integral, que preste atenção às costumes literários daquele tempo, é que dará conta da riqueza da mensagem do texto.

Neste sentido, uma leitura contextualizada do Sacrifício de Isaac não escandaliza ninguém nem apresenta de Deus uma imagem cruel. Pelo contrário, deixa entrever uma mensagem humana e religiosa positiva. A narração não diz que Isaac foi sacrificado pelo seu pai; o que faz é precisamente o contrário: põe Deus a intervir, no momento mais significativo, dizendo: «não levantes a tua mão sobre o menino, e não lhe faças mal algum» (Gn 22, 12). A mensagem fundamental do texto está nestes versículos, em que Deus ordena que não se mate a criança, e não nos anteriores. Segundo o género literário que se pode reconhecer nesta narrativa – uma lenda bíblica, semelhante ao mito de origem (vale a pena ver a este propósito o tema de Novembro); mas, ao contrário deste, com raízes na história real – a ordem inicial de oferecer em sacrifício o seu

filho tem apenas o intuito de criar uma tensão dramática e literária, para induzir o leitor a dar atenção ao desfecho surpreendente no culminar do texto. Esta tensão, com efeito, está ao serviço da lição a comunicar: ao contrário dos deuses dos outros povos, o Deus de Israel não quer sacrifícios humanos.

Para nós, a ideia de sacrifícios humanos é absurda e chocante. Mas, por mais assustador que nos possa parecera, era uma prática que tinha lugar entre os povos antigos à volta do povo de Israel e, numa fase primordial, também chegou a acontecer entre os israelitas, como alguns versículos bíblicos – que proíbem esta prática – deixam entrever. Assim, esta interpretação, na verdade, é um passo fundamental na história religiosa e na revelação de Deus ao povo. Assim olhado, este texto é um salto qualitativo de grande peso no que toca à compreensão da verdadeira imagem de Deus. Deus está a favor da vida, permanentemente.

ISAAC
E OS SACRIFÍCIOS RITUAIS ANTIGOS

O sacrifício de Isaac, no entanto, não esgota o seu sentido nesta tentativa de erradicação dos sacrifícios humanos e de aperfeiçoamento da imagem de Deus. Vem a propósito uma análise complementar, que parta do seguinte: trata-se, aqui, de uma ritualização sacrificial, como na tradição judaico-cristã se conhecia e se praticava em momentos específicos da vida ou do calendário religioso, não com vítimas humanos, mas com animais.

Como já dissemos em temas anteriores, hoje todos conhecemos a noção moderna de sacrifício: se queremos que a vida melhore no futuro, somos chamados a fazer sacrifícios no presente; fazemos sacrifícios hoje para que a nossa vida melhore amanhã; os pais fazem sacrifícios hoje para que a vida dos filhos venha a ser melhor, e assim sucessivamente. Tem que ver com a responsabilidade, com a maturidade e com a disciplina de vida: ser disciplinado é sinónimo de saber quando fazer sacrifícios, tal como quando percebemos que é bom sacrificar o tempo em que nos apetece ver *reels* até ao infinito, e usá-lo para estudar ou trabalhar. Na mesma lógica, a ideia de chumbar no exame leva-me a tomar medidas – ou seja, a fazer sacrifícios e a trabalhar – para que essa possibilidade não se verifique.

A ideia do sacrifício de Isaac é precursora de tudo isto. Com efeito, os povos antigos – incluindo os ancestrais do povo de Israel – observaram ao longo de gerações e gerações, provavelmente antes até de haver escrita, que a diferença entre ser bem-sucedido ou não o ser era precisamente a decisão de adiar a gratificação imediata e fazer sacrifícios. Nos primórdios da civilização – assim se observou ao longo de milénios –, os bem-sucedidos eram aqueles que abdicavam de um bem no presente em favor de um bem maior no futuro. Este princípio, antes de ser posto por escrito simbolicamente em textos como o de Abraão e Isaac, e até antes de ser articulado por escrito como hoje o fazemos, foi ritualizado. Os sacrifícios rituais, ou seja, oferecer a Deus os bens de que se dispõe, eram no mundo antigo um gesto que punha em cena – tal como uma criança "põe em cena" o que significa "mãe" e "pai" antes de ser capaz de articular estes termos – a ideia de que é útil e benéfico adiar a gratificação, sacrificando hoje para um bem maior no futuro.

O surgimento destes mecanismos sociais – sacrificar agora, ganhar depois – apenas é possível porque este "depois" está repleto de outros seres humanos, justamente aqueles que se observaram uns aos outros e registaram as respetivas ações e decisões, reconhecendo gestos generosos ou egoístas, a capacidade de sacrificar ou a preguiça de quem não quer trabalhar; numa palavra, a confiabilidade uns dos outros. Esta lógica leva a uma conclusão tão surpreendente e fascinante como aterradora e paralisadora: o "depois", isto é, o futuro, é como que um juiz que reputa a nossa conduta, o "futuro" é como um pai julgador, que retribuirá consoante o que cada um tiver feito no passado e no presente.

Deste princípio emergem difíceis questões. Em primeiro lugar: quanto deve ser sacrificado? Pequenos sacrifícios podem ser suficientes para resolver pequenos problemas. Será que sacrifícios mais amplos podem resolver problemas mais complexos. Em segundo lugar, até onde deve ir a dimensão destes sacrifícios? Se o sacrifício" agora" melhora a vida "depois", quão bom será o melhor futuro possível, se se puder fazer no presente o maior e mais eficaz sacrifício? E o que será esse bem maior que posso sacrificar hoje?

ABRAÃO, ISAAC, A VIRGEM MARIA, DEUS PAI, E JESUS

Chegados a este ponto, temos ainda mais luz para compreender o alcance do sacrifício de Isaac e a sua ligação ao Novo Testamento. Qual é, então, o maior bem que posso sacrificar hoje, para o melhor futuro possível? Há duas respostas possíveis que rivalizam entre si: a própria vida ou, sobretudo para quem é mãe ou pai, a vida de um filho.

No Antigo Testamento, é precisamente este o drama que Abraão enfrenta. O livro do Génesis capta esta ideia e trabalha-a enquanto literatura profunda e decisiva. Abraão só será capaz de levar até ao fim o que tinha arriscado viver ao confiar em Deus desde o princípio – isto é, desde o momento em que aceita dizer sim ao apelo de Deus: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos» (Gn 12, 1-2) –Abraão só será capaz de levar até ao fim esta aventura e de vir a ser *no futuro* aquilo que Deus lhe prometera, se estiver disposto a sacrificar *no presente* o maior bem possível.

No Novo Testamento, por seu lado, este mesmo tema pode ser olhado a partir de três pontos de vista distintos: o ponto de vista da mãe, a Virgem Maria; o ponto de vista do Filho, Jesus Cristo; e o de Deus Pai.

O sacrifício da mãe, que oferece o seu filho ao mundo, pode ser contemplado naquela que é talvez a mais impressionante e genial escultura de todos os tempos, a *Pietà* de Michelangelo. Ali está Maria a contemplar Jesus, crucificado e morto. De uma beleza transcendente, a mãe está sentada e o corpo do Filho jaz nos seus braços. Foi por Ela e pelo seu sim que aquele trágico destino teve lugar, porque foi por Ela e pelo seu sim que o seu Filho entrou no mundo. Será acertado trazer uma criança a este mundo terrível e violento? – esta é a pergunta que provavelmente qualquer mulher faz a si mesma. Há quem responda negativamente. Sabendo bem o que estava em causa, a Virgem Maria, a senhora do Sim, responde «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38. É um ato voluntário de coragem suprema.

Por sua vez, Jesus oferece-se a si mesmo a Deus e ao mundo, sacrificando o seu maior bem, a sua vida, decidindo amar até

ao fim, entregando-se à traição, à tortura e à morte, escolhendo abraçar todas as feridas humanas, até mesmo o sentimento de abandono de Deus – o grito «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» não é um teatro –, e revelando assim o maior bem possível para a humanidade, que é o amor salvador de Deus. É o corpo entregue até ao limite, e o sangue derramado até à última gota, e põe em cena a imagem fundamental do homem que se dá completamente em favor do bem maior, permitindo que a vontade de Deus se manifeste inteira no contexto de uma vida. Como escreverá São João, «Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (Jo 13, 1).

E, na realidade, no mesmo ato em que Ele se entrega, Deus Pai está simultaneamente, evocando Abraão, a sacrificar o seu Filho, renunciando também ao seu maior bem. Talvez não seja possível imaginar nada de mais extremo, mas também nada de mais elevado.

JESUS NA CRUZ

O próprio Jesus, com efeito, dá sentido à sua morte a partir desta ideia de sacrifício, justamente como a Última Ceia deixa entrever. A força simbólica do pão e do vinho, que as palavras de Jesus tornam corpo e sangue, cumpre as profecias antigas, evocando Abraão e Isaac, e fazendo referência direta aos rituais do perdão dos pecados, que eram celebrados anualmente pelos judeus. Nestas festas, um cordeiro era sacrificado, e o seu sangue derramado – e consequentemente separado do corpo – era recolhido e aspergido tanto no lugar mais sagrado do templo, o chamado Santo dos Santos, lugar

simbólico da presença de Deus para os israelitas, como sobre todo o povo reunido à entrada do templo. A lógica que presidia a esta ritualidade era simples: pela morte do cordeiro, e com o sangue do animal separado do corpo e derramado sobre Deus (presente simbolicamente no Santo dos Santos) e sobre o povo, restabeleciam-se os laços de sangue e de familiaridade entre Deus e Israel, renovando assim a Aliança que Deus firmara com a humanidade desde tempos imemoriais.

Na Última Ceia e na Cruz de Jesus cumpre-se definitivamente o que Abraão dissera: «Deus providenciará o cordeiro para o sacrifício» (Gn 22, 8). Com efeito, Jesus apresenta-se como o verdadeiro Cordeiro de Deus que, pela sua morte, isto é, pelo seu corpo entregue e pelo seu sangue derramado na Cruz, realiza a nova e eterna Aliança, estabelecendo permanentemente a comunhão entre Deus e o ser humano.

Queridos Equipistas, esta comunhão com Deus está disponível para nós na vida da Igreja, sobretudo nos sacramentos. A Páscoa que estamos a preparar nestes dias viver-se-á de uma maneira mais profunda e inteira se decidirmos nós o que o próprio Jesus decidiu: entregarmos a nossa própria vida, o corpo e o sangue, a força e a energia, a alegria e o entusiasmo, o espírito de serviço e a atenção a quem precisa. É o que nos pedia São Paulo: «Oferecei o vosso corpo como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova maneira de pensar, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito» (Rm 12, 1-2). Acabamos como começámos: Santa Quaresma!

PARA DISCUTIR

Reconheço os sacrifícios que me são propostos ou decido ignorá-los e render-me às minhas vontades imediatas?

Estou disposto a "sair de mim" para me aproximar de Deus? Ou quero que esta relação seja determinada pelas minhas regras?

No meu dia a dia, tento recordar-me de Jesus na Cruz? Nesses momentos, lembro-me de Maria?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Ao longo deste mês tenta refletir na tua relação com Deus e, rezando sobre ela, tenta perceber de que coisas não estás disposto a abdicar e talvez deverias.

PARA APROFUNDAR

- P. Armindo Vaz, *Palavra Viva, Escritura Poderosa*, UCP Editora
- Jordan Peterson, *The Great Sacrifice: Abraham and Isaac* https://www.youtube.com/watch?v=-yUP40gwht0
- Bishop Barron, *Abraham, Isaac and Christ* https://www.youtube.com/watch?v=53nJjwaZMeM

PARA REZAR

Salmo 30 (31)

Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito. Repete-se

Em Vós, Senhor, me refugio,
jamais serei confundido,
pela vossa justiça, salvai-me.
Em vossas mãos entrego o meu espírito,
Senhor, Deus fiel, salvai-me.

Tornei-me o escárnio dos meus inimigos,
o desprezo dos meus vizinhos
e o terror dos meus conhecidos:
todos evitam passar por mim.
Esqueceram-me como se fosse um morto,
tornei-me como um objeto abandonado.

Eu, porém, confio no Senhor:
Disse: «Vós sois o meu Deus,
nas vossas mãos está o meu destino».
Livrai-me das mãos dos meus inimigos
e de quantos me perseguem.

Fazei brilhar sobre mim a vossa face,
salvai-me pela vossa bondade.
Tende coragem e animai-vos,
vós todos que esperais no Senhor.

J. Kirk Richards – Consider the Lilies

8_Abr

NADA TE PERTURBE

A partir distinção entre o *chronos*, o tempo quantitativo, e o *kairós*, o tempo qualitativo, veremos como a nossa ânsia de controlar o futuro gera frustração e inquietação. Ao aceitarmos que o tempo de Deus e se manifesta de forma diferente do nosso, somos convidados a viver com maior confiança, na certeza de que a nossa vida está nas mãos de Deus. Na realidade, a confiança em Deus é uma ferramenta útil para lidar com a ansiedade que na nossa época tanto nos incomoda no dia a dia. E, nessa lógica, a esperança cristã não é uma mera expectativa otimista, mas sim a confiança profunda na providência divina, que orienta a nossa vida para um sentido maior, além das dificuldades e dos desafios terrenos.

PARA COMEÇAR

Salmo 23 (22)

O Senhor é meu pastor: nada me falta,
leva-me a descansar em verdes prados,
conduz-me às águas refrescantes
e reconforta a minha alma.

Ele me guia por sendas direitas por amor do seu nome.
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:
o vosso cajado e o vosso báculo enchem-me de confiança.

Para mim preparais a mesa
à vista dos meus adversários;
com óleo me perfumais a cabeça
e o meu cálice transborda.

A bondade e a graça hão de acompanhar-me
todos os dias da minha vida
e habitarei na casa do Senhor
para todo o sempre.

“PARA TUDO HÁ UM MOMENTO...”

Do Livro de Eclesiastes

Ecl 3, 1Para tudo há um momento
e um tempo para cada coisa que se deseja debaixo do céu:
2tempo para nascer e tempo para morrer,
tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou,
3tempo para matar e tempo para curar,
tempo para destruir e tempo para edificar,
4tempo para chorar e tempo para rir,
tempo para se lamentar e tempo para dançar,
5tempo para atirar pedras e tempo para as ajuntar,
tempo para abraçar e tempo para evitar o abraço,
6tempo para procurar e tempo para perder,
tempo para guardar e tempo para atirar fora,
7tempo para rasgar e tempo para coser,
tempo para calar e tempo para falar,
8tempo para amar e tempo para odiar,
tempo para guerra e tempo para paz.

Do Evangelho Segundo São Mateus

25«Por isso vos digo: Não vos inquieteis quanto à vossa vida,
com o que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso
corpo, com o que haveis de vestir. Porventura não é a vida
mais do que o alimento, e o corpo mais do que o
vestido? 26Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam
nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as.

Não valeis vós mais do que elas? [27]Qual de vós, por mais que
se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração de
sua vida? [28]Porque vos preocupais com o vestuário? Olhai
como crescem os lírios do campo: não trabalham nem
fiam! [29]Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua
magnificência, se vestiu como qualquer deles. [30]*Ora, se Deus
veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será
lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens
de pouca fé? [31]Não vos preocupeis, dizendo: 'Que comeremos,
que beberemos, ou que vestiremos?' [32]Os pagãos, esses sim,
afadigam-se com tais coisas; porém, o vosso Pai celeste bem
sabe que tendes necessidade de tudo isso. [33]Procurai primeiro
o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por
acréscimo. [34]Não vos preocupeis, portanto, com o dia de
amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações.
Basta a cada dia o seu problema.»

A ANSIEDADE E A ESPERANÇA

O texto do Eclesiastes que lemos em primeiro lugar convida-nos a refletir sobre a natureza do tempo no nosso Tempo. Na estrutura linguística, simbólica e temporal da civilização moderna, geralmente temos uma só palavra para a noção de "tempo". Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairós*. Enquanto o primeiro se refere ao "tempo dos homens", o tempo cronológico ou sequencial (tempo quantitativo), *kairós* introduz uma natureza qualitativa, o tempo em que algo oportuno acontece, o "tempo de Deus" (tempo qualitativo, a eternidade).

A mente humana é complexa. Movemo-nos por recompensas e desejos imediatos, pela ansiedade de controlar o futuro, e

pela dificuldade em aceitar que nem tudo está sob o nosso controlo. Preferíamos que tudo acontecesse no *chronos*, à nossa maneira, e muitas vezes ficamos desanimados e frustrados quando o mundo não corresponde a essas expectativas. Este comportamento é compreensível, dado que vivemos à procura de segurança e previsibilidade.

A ansiedade dos tempos modernos segue de mãos dadas com o *chronos*. Esta é uma emoção normal que pode ser experimentada por qualquer um no seu dia a dia. Quando a ansiedade toma conta de todas as nossas funções (sono, trabalho, apetite, vida social, espiritual), é preciso tomar atenção. Viver centrado e dedicado a controlar o *chronos* é gerador de ansiedade. A falsa sensação de que está tudo nas nossas mãos é um ato de desconfiança para com o Criador.

> "Para tudo há um momento certo e um tempo para cada coisa que se deseja debaixo do céu" (Ecl 3, 1)

Apropriamo-nos do tempo como um bem que é só nosso, que só cada um controla e tem o poder de gerir e decidir. Mas desperdiçar o tempo é desperdiçar um dom, um tesouro. Pensar que o controlamos é entrar numa lógica "anti-criação". Quando optamos por seguir o sonho que Deus tem para nós, estamos a escolher de forma livre estar abertos aos momentos oportunos que chegam do Céu. É um ato de confiança total, é um embate com as nossas convenções humanas de controlo. É confiar que "Todas as coisas que Deus fez, são boas a seu tempo".

O mais fácil é resistir ao *kairós*. Somos peritos em deixarmo-nos dominar e guiar pela ansiedade em controlar os vários desfechos das nossas decisões. Temos medo. Olhemos para o exemplo de Pedro quando disse "Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro sobre as águas" (Mt 14, 22-36). Pedro saiu do

barco e confiado em Jesus, foi ao Seu encontro e caminhou sobre as águas. Quando soprou o vento do medo, da ansiedade, da incerteza, Pedro começou a afundar.

Também nós começamos a afundar nas nossas preocupações, caprichos e desejos. O *kairós* integra o sonho de Deus para nós, o sonho para o qual fomos criados, com todas as imperfeições, mas também com todas as potencialidades.

Somos criados à imagem e semelhança de Deus, a verdade do ser humano é que ele tem mais que ver com a eternidade de Deus do que com a monotonia das coisas, e com o relógio imparável que o *chronos* nos impõe.

A confiança é um dos dons mais difíceis de conquistar. É muito provável que ao longo da nossa vida a confiança que temos em Deus seja abalada. Nos critérios mundanos, esta confiança pode ser confundida com ingenuidade. Lembremo-nos dos momentos em que vivemos confiados no Senhor e na paz que brotou na nossa alma. Guarda na tua memória a paz que sentiste e como o simples toque de Cristo iluminou e animou (deu vida) à tua Vida.

Escolher o *kairós* nem sempre é fácil e intuitivo. Podemos acreditar nas suas vantagens, mas ter dificuldades em ceder o nosso bem mais precioso e confiar que o desfecho pode não ser o que ambicionámos. A confiança anda de mãos dadas com a responsabilidade, pelo que mantemos o dever de trabalhar, estudar e cumprir com as nossas tarefas. No entanto, beneficiamos mais se decidirmos viver "confiados" nas mãos de Deus. Ao confiar-Lhe o nosso tempo, estamos a repartir a carga com alguém. Isto permite ao nosso coração encontrar paz e viver com menos ansiedade. Este passo de confiança traz-nos a certeza de um plano maior que já está em curso, um plano que é maior do que a nossa própria compreensão.

Neste contexto, o excerto do Evangelho de Mateus (Mt 6, 25-35) que lemos acima vem muito a propósito. Com efeito, Mateus faz-nos esbarrar de frente com um Deus providente, que promete repetida e insistentemente o Seu cuidado por cada um de nós, e que – para não ficar apenas por palavras – na Cruz dá provas da sua absoluta confiabilidade, como também lembraria São João: «Jesus, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (Jo 13, 1). É diante do crucificado, na realidade, que nasce a esperança dos cristãos, isto é, a certeza de que se estamos nas mãos de Deus, mesmo que a vida seja dura, mesmo que haja desafios, sofrimentos, obstáculos, estamos bem entregues. Sobre este tema, vale a pena recuperar o que diz o Papa Bento XVI na sua encíclica *Spe Salvi*:

> *Chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus: isto significa receber esperança. A nós, que desde sempre convivemos com o conceito cristão de Deus e a ele nos habituamos, a posse duma tal esperança que provém do encontro real com este Deus quase nos passa despercebida. O exemplo de uma santa da nossa época pode, de certo modo, ajudar-nos a entender o que significa encontrar pela primeira vez e realmente este Deus. Refiro-me a Josefina Bakhita, uma africana canonizada pelo Papa João Paulo II. Nascera por volta de 1869 – ela mesma não sabia a data precisa – no Darfur, Sudão. Aos nove anos de idade foi raptada pelos traficantes de escravos, espancada barbaramente e vendida cinco vezes nos mercados do Sudão. Por último, acabou escrava ao serviço da mãe e da esposa de um general, onde era diariamente seviciada até ao sangue; resultado disso mesmo foram as 144 cicatrizes que lhe ficaram para toda a vida. Finalmente, em 1882, foi comprada por um comerciante italiano para o cônsul*

Callisto Legnani que, ante a avançada dos mahdistas, voltou para a Itália. Aqui, depois de "patrões" tão terríveis que a tiveram como sua propriedade até agora, Bakhita acabou por conhecer um "patrão" totalmente diferente – no dialeto veneziano que agora tinha aprendido, chamava "paron" ao Deus vivo, ao Deus de Jesus Cristo. Até então só tinha conhecido patrões que a desprezavam e maltratavam ou, na melhor das hipóteses, a consideravam uma escrava útil. Mas agora ouvia dizer que existe um "paron" acima de todos os patrões, o Senhor de todos os senhores, e que este Senhor é bom, a bondade em pessoa. Soube que este Senhor também a conhecia, tinha-a criado; mais ainda, amava-a. Também ela era amada, e precisamente pelo "Paron" supremo, diante do qual todos os outros patrões não passam de miseráveis servos. Ela era conhecida, amada e esperada; mais ainda, este Patrão tinha enfrentado pessoalmente o destino de ser flagelado e agora estava à espera dela "à direita de Deus Pai". Agora ela tinha "esperança"; já não aquela pequena esperança de achar patrões menos cruéis, mas a grande esperança: eu sou definitivamente amada e aconteça o que acontecer, eu sou esperada por este Amor. Assim a minha vida é boa. Mediante o conhecimento desta esperança, ela estava "redimida", já não se sentia escrava, mas uma livre filha de Deus.

Bento XVI, *Spe Salvi*, 3

A virtude da esperança cristã responde ao desejo profundo de felicidade que Deus colocou no coração humano, mas não apenas isso: a esperança purifica esse desejo, direcionando-o para Deus, o que dá à vida uma dimensão transcendente e um

significado que vai além das circunstâncias terrenas. Um dos sinais distintivos dos cristãos, com efeito, é o de que temos futuro. E, mais ainda: nesse futuro, somos esperados; Deus espera-nos! Não conhecemos todos os detalhes do que será a nossa vida nesse futuro, mas habita-nos a certeza de que a nossa vida não acaba num vácuo.

Do mesmo modo, a esperança não se baseia em realizações humanas ou sucessos muito aplaudidos pelo nosso mundo, mas em algo muito mais profundo. Diferente de um otimismo que se fundamenta em fatores externos, a esperança cristã está enraizada na fé e no sacrifício de Jesus. Ela não promete êxito ou glória imediata, mas chama-nos a tomar a cruz e seguir Cristo, muitas vezes no meio de duras provações. Também a vida pública de Jesus não terminou de forma otimista aos olhos do mundo, mas na entrega total de Si pela humanidade. Ser discípulo, nesse sentido, significa aceitar que a esperança cristã, embora traga paz e coragem, não elimina as dificuldades da vida; ao contrário, convida-nos a olhá-las de frente, com confiança em Deus. Uma espiritualidade de esperança, portanto, não se apoia em métricas de sucesso visíveis, mas na confiança tranquila em Deus e na Sua providência, e pode pedir uma disposição para confiar em Deus além do que é racionalmente seguro ou previsível.

Jesus não nos pediu que tivéssemos êxito, pediu-nos que produzíssemos fruto. O cristianismo não promete êxito. De facto, Jesus prometeu aos discípulos que também beberiam o cálice que ele ia beber, isto é, prometeu-nos a Cruz. Por conseguinte, se queremos medir-nos a nós próprios, o critério só pode ser a forma como partilhamos a Cruz de Jesus. O inverso, ou seja, trocarmos a verdadeira esperança pelo otimismo do mundo, vai fazer com que a Cruz de Cristo se torne nada mais do que um obstáculo.

O “MITO DO ETERNO RETORNO” E A HISTÓRIA

Um olhar mais profundo sobre estes textos permite-nos ir ainda mais longe. O livro do Eclesiastes é, na realidade, um dos chamados “livros sapienciais” do Antigo Testamento, e reflete em grande medida a influência cultural e filosófica da Grécia Antiga. Embora o Eclesiastes tenha sido escrito em hebraico, a sua redação final pode datar-se entre os séculos IV e III a.C., um período em que o helenismo (a cultura grega) começava a exercer uma forte influência sobre o mundo judaico, especialmente após as conquistas de Alexandre, o Grande. É possível, assim, identificar motivos literários comuns entre o Eclesiastes e o pensamento filosófico grego, nomeadamente os temas da ciclicidade da vida e da busca por um sentido vital.

Uma das ideias com que o livro do Eclesiastes se debate, com efeito, é a vanidade e a futilidade da vida humana – "vaidade das vaidades, tudo é vaidade" (Ecl 1, 2), refere-se logo na abertura do livro – que ressoa com a visão cética e, por vezes, pessimista presente em alguns filósofos gregos, como os estoicos e os cínicos. No pensamento grego, especialmente no estoicismo, havia uma ideia de que a vida humana está sujeita a ciclos inevitáveis e que o apego às posses materiais e ao prazer é ilusório.

O padrão repetitivo que o nosso excerto apresenta – tempo para isto, tempo para aquilo, insistentemente – constrói, do ponto de vista literário, a ideia de uma monotonia e de uma circularidade, na mesma linha do que já se dizia no capítulo anterior: “nada há de novo debaixo do sol” (Ecl 1, 9). Aproximamo-nos, assim, de um tema antigo da nossa tradição Ocidental: o mito do eterno retorno.

O chamado “mito do eterno retorno” é, na realidade, uma ideia filosófica (e religiosa) que defende precisamente que o tempo e os acontecimentos da existência humana são cíclicos, repetindo-se infinitamente em padrões recorrentes. Na realidade, reflete a visão de um universo que não segue uma linha temporal contínua e irreversível, mas sim um ciclo interminável de nascimento, morte e renascimento.

Nas civilizações antigas, como a mesopotâmica e a egípcia, o eterno retorno estava ligado ao ciclo da natureza, à sucessão das estações e ao movimento dos astros. O tempo era percebido como circular, repetindo os mesmos acontecimentos, de forma semelhante ao ciclo das colheitas ou ao movimento dos planetas. Na Grécia Antiga, como já dissemos, os estóicos acreditavam num universo que se destruía e recriava ciclicamente através de uma sucessão de "conflagrações" (grandes incêndios cósmicos), onde tudo começava de novo.

Mas, se é verdade que podemos encontrar ecos desta maneira de pensar no livro do Eclesiastes, é ainda mais evidente que, imediatamente a seguir à descrição repetitiva das realidades para as quais há tempo, Eclesiastes afirma algo num sentido completamente oposto:

Até a eternidade Deus colocou no coração do homem, sem que nenhum ser humano possa compreender a obra divina do princípio ao fim (Ecl 1, 11).

Em contraste com a ideia da ciclicidade da vida, que considera a existência apenas no horizonte terreno, como uma mera repetição de acontecimentos, a fé bíblica reconhece que a relação com Deus insere em cada pessoa uma centelha de eternidade. A eternidade é absolutamente diferente do eterno retorno. Enquanto o eterno retorno sugere uma existência

marcada por uma repetição estéril, a perspetiva cristã oferece a esperança de um desfecho redentor, em que o amor de Deus orienta a humanidade rumo à plenitude e à salvação.

Com efeito, o amor eterno que Deus nos tem e o amor humano que Lhe podemos retribuir rompem com a circularidade que nos prende num ciclo sem fim, e abre-nos para a unicidade com que Deus nos olha. O amor de Deus torna-nos únicos e, por isso, não repetidos nem circulares. Também isto é causa de esperança. E é a isto que chamamos História.

Com efeito, a História não é um eterno retorno, nem é apenas uma "sucessão sucessiva de sucessos" (lembrando o que acima falámos sobre o *chronos*). Se fosse apenas isso, não nos afastaríamos de uma lógica depressiva, niilista e sem significado. A História, pelo contrário, tem uma direção, ela é o tempo em que o amor de Deus por nós introduz na vida humana um propósito – somos esperados por Deus. Nesse sentido, a História é, toda ela, História da Salvação (lembrando o que acima falámos sobre o *kairós*).

Terminamos, olhando para a Virgem Maria. A vida de Nossa Senhora é toda ela marcada pela Salvação. O momento em que responde ao anjo «Faça-se em mim segundo a tua palavra» é o momento em que Maria esclarece o propósito e o sentido da sua vida, isto é, a direção pela qual Deus a encaminha na existência. Com efeito, o «Faça-se» de Nossa Senhora é o seu encontro fundamental com a unicidade com que Deus a olha – «o Senhor pôs os olhos na humildade da sua serva» (Lc 1, 48) – e com a eternidade a que a chama.

PARA DISCUTIR

De que formas, na tua vida, tens procurado controlar o tempo e quais são as consequências dessa atitude?

O exemplo de São Pedro, que começou a afundar nas águas devido à ansiedade e ao medo, convida-nos a confiar mais em Deus. Como podemos dar o passo da confiança em momentos de incerteza ou medo na nossa vida?

O texto sugere que a verdadeira esperança cristã não está enraizada no sucesso ou nas realizações humanas, mas na confiança em Deus. Como é que esta visão de esperança desafia as ideias de sucesso no mundo de hoje?

PARA APROFUNDAR:

- Papa Francisco, *A Esperança Não Engana. Bula de Proclamação do Grande Jubileu Ordinário do Ano 2025*
- Papa Bento XVI, *Carta encíclica* Spe Salvi
- John Mayer, *Stop this train* ♪
- Santa Teresa de Calcutá, *Vem, Sê a minha Luz*

PARA REZAR

Senhor, o Grande Curador,
Eu ajoelho-me diante de Ti.
Já que todo o dom perfeito deve vir de Ti,
eu rezo para que dês habilidade às minhas mãos,
clareza à minha mente,
bondade e mansidão ao meu coração.
Dá-me um propósito firme,
força para erguer uma parte do fardo
dos meus irmãos que sofrem,
e uma verdadeira compreensão do privilégio que é meu.
Tira do meu coração todo o mal e mundanidade,
para que, com a simples fé de uma criança,
eu possa confiar em Ti.
Amen.

J. Kirk Richards – The Angel of the Lord sat upon the sotne

9_Mai

LOUVAR, REVERENCIAR E SERVIR

Neste mês, somos convidados a refletir sobre o propósito da nossa existência e a relação íntima que o ser humano tem com Deus. Partindo da Ressurreição de Jesus, mergulhamos no sentido do louvor, não apenas como expressão de gratidão, mas como todo um modo de vida que permeia as nossas ações. Explorando a profundidade dos textos bíblicos, somos levados a reconhecer que fomos criados para louvar, reverenciar e servir a Deus, encontrando na vida ressuscitada de Cristo a fonte de toda a nossa missão.

PARA COMEÇAR

Oração a Nossa Senhora da Conceição

Virgem Santíssima,
que fostes concebida sem o pecado original
e por isto merecestes o título
de Nossa Senhora da Imaculada Conceição
e por terdes evitado todos os outros pecados,
o Anjo Gabriel vos saudou com as belas palavras:
"Ave Maria, cheia de graça";
nós vos pedimos que nos alcanceis
do vosso divino Filho o auxílio necessário
para vencermos as tentações
e evitarmos os pecados e,
já que vos chamamos Mãe,
atendei-nos com carinho maternal
e ajudai-nos a viver como dignos filhos vossos.
Nossa Senhora da Conceição, rogai por nós.
Amen.

UMA VIDA QUE VENCE A MORTE

Do Livro dos Salmos

Sl 150,1 *Aleluia!*
Louvai a Deus no seu santuário;
louvai-o no seu majestoso firmamento!
2Louvai-o pelos seus feitos valorosos;
louvai-o por todas as suas grandes proezas!
3Louvai-o ao som da trombeta;
louvai-o com a harpa e a cítara!
4Louvai-o com tambores e danças;
louvai-o com instrumentos de corda e flautas!
5Louvai-o com címbalos sonoros;
louvai-o com címbalos vibrantes!
6Tudo o que respira louve o SENHOR!
Aleluia!

Do Evangelho Segundo São João

1No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. 2Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: «O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram.» 3Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo. 4Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. 5Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou.

[6]Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou
no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho
espalmados no chão, [7]ao passo que o lenço que tivera em volta
da cabeça não estava espalmado no chão juntamente com os
panos de linho, mas de outro modo, enrolado noutra posição.
[8]Então, entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado
primeiro ao túmulo. Viu e começou a crer, [9]pois ainda não
tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia
ressuscitar dos mortos. [10]A seguir, os discípulos regressaram a
casa. [11]Maria estava junto ao túmulo, da parte de fora, a chorar.
Sem parar de chorar, debruçou-se para dentro do túmulo, [12]e
contemplou dois anjos vestidos de branco, sentados onde tinha
estado o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos
pés. [13]Perguntaram-lhe: «Mulher, porque choras?» E ela respon-
deu: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.»

[14]Dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus, de pé, mas não se
dava conta que era Ele. [15]E Jesus disse-lhe: «Mulher, porque
choras? Quem procuras?» Ela, pensando que era o encarrega-
do do horto, disse-lhe: «Senhor, se foste tu que o tiraste, diz-me
onde o puseste, que eu vou buscá-lo.» [16]Disse-lhe Jesus:
«Maria!». Ela, aproximando-se, exclamou em hebraico:
«*Rabbuni!*» - que quer dizer: «Mestre!» [17]Jesus disse-lhe: «Não me
detenhas, pois ainda não subi para o Pai; mas vai ter com os
meus irmãos e diz-lhes: 'Subo para o meu Pai, que é vosso Pai,
para o meu Deus, que é vosso Deus.'» [18]Maria Madalena foi e
anunciou aos discípulos: «Vi o Senhor!» E contou o que Ele lhe
tinha dito.

PARA QUE É QUE FOMOS CRIADOS?

Para que fomos criados? Para que serve a minha vida? Ao longo deste ano temos feito um percurso bíblico através do qual procuramos aprofundar um pouco mais as grandes questões acerca do Homem, que não podem ser apenas perguntas vagas, mas aquelas inquietações que todos nós, numa fase da vida, já sentimos. Não perguntamos apenas em geral qual o valor da vida; qual o sentido da existência; para quê trabalhar, servir, rezar; será que vale a pena amar se isso implica sofrer... Procuramos que cada um pergunte sobre si mesmo: para que sirvo? O que me assusta e alegra? Diante da morte o que penso? Porque é que rezo?

Nesse sentido neste mês de Maio vamos debruçar-nos sobre dois textos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento, o Salmo 150 (o último do Livro dos Salmos!) e a passagem da Ressurreição de Jesus no Evangelho de São João, com o pano de fundo das primeiras palavras do Princípio e Fundamento de Santo Inácio de Loyola, texto central dos seus Exercícios Espirituais.

O livro dos Salmos é uma das expressões mais profundas de oração e louvor em toda a Sagrada Escritura, revelando a relação íntima entre o povo de Israel e Deus. Entre os seus 150 cânticos, o Salmo 150 destaca-se como o clímax deste louvor, uma exortação vibrante a louvar o Senhor com toda a criação. Por outro lado, a Ressurreição de Jesus, descrita no Evangelho de João (Jo 20), é o ponto central da fé cristã e o fundamento para todo o louvor autêntico. Através da Ressurreição, a vitória de Cristo sobre a morte dá à humanidade uma nova razão para viver em louvor, reverência e serviço.

O Princípio e Fundamento de Santo Inácio de Loyola, começa dizendo: "O Homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor, e assim salvar a sua alma". Este princípio é a chave para entender como o louvor, especialmente após a Ressurreição, não é apenas uma resposta emocional, mas uma forma de vida própria do cristão.

O LOUVOR NO SALMO 150: RECONHECER A GRANDEZA DE DEUS

Ao chegarmos a um dos últimos temas deste ano com certeza já nos deparámos com uma das maiores dificuldades da leitura da Bíblia, sobretudo do Antigo Testamento: a sua aparente incompreensibilidade. O Salmo 150 é uma exortação universal ao louvor, chamando tudo o que respira a louvar a Deus. Pode surgir-nos a pergunta: como é que podemos louvar a Deus em tudo o que fazemos? Uma coisa é louvá-l'O quando rezamos uma passagem da Bíblia, quando estamos na Missa, a rezar o terço ou enfim a fazer oração mental. Mas louvamos a Deus em todas as coisas que fazemos? A trabalhar, a dormir, a tocar instrumentos, a viver as coisas banais do dia-a-dia? Mais: como é que os animais, as árvores, os astros… enfim, toda a criação - como sugerem até outros salmos, como o Salmo 148 – como é que tudo isso pode louvar a Deus? Simples. **Louvamos a Deus quando vivemos fazendo aquilo para que fomos criados.** Pelo simples facto de existirem, as plantas, os animais, os astros do firmamento louvam e dão glória a Deus, revelando neles a Sua beleza e grandiosidade. Este salmo destaca que o louvor não se limita às palavras, mas envolve todos os aspetos da vida e da criação. O salmista convida-nos a louvar a Deus com todos os instrumentos musicais, desde a

trombeta até aos címbalos, simbolizando que todas as faculdades humanas devem ser orientadas para Deus, em qualquer atividade da vida.

O louvor, no sentido bíblico, é uma resposta à revelação da grandeza de Deus. Quando reconhecemos a beleza da criação, a misericórdia e a fidelidade de Deus, a resposta natural é o louvor. Possivelmente já nos aconteceu esta necessidade de louvar a Deus, de bendizer o Senhor, quando vemos uma paisagem bonita, ouvimos uma música harmoniosa, comemos um prato delicioso, ou claro, quando amamos: sentimos necessidade de dizer bem, agradecer. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica: **"O louvor é a forma de oração que mais imediatamente reconhece que Deus é Deus!** Canta-O por Si próprio, glorifica-O, não tanto pelo que Ele faz, mas sobretudo porque ELE É (...)." (CIC 2639). Ou seja, o louvor não busca receber algo em troca, mas é a forma mais pura de reconhecer a grandeza e bondade de Deus.

Além disso, o louvor no Salmo 150 reflete a centralidade do culto na vida de Israel. Ao convocar toda a criação para louvar a Deus, o salmista revela que o louvor não é apenas individual, mas comunitário. Assim, o louvor é uma expressão da comunhão entre Deus e o seu povo, e entre os próprios fiéis. É também uma antecipação da vitória final de Deus sobre o mal e o pecado, uma vitória que se concretiza plenamente na Ressurreição de Cristo.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS: A FONTE DO LOUVOR E DA VIDA NOVA

A Ressurreição de Jesus é o evento mais importante da história da salvação. Ao ressuscitar dos mortos, Jesus derrota o poder do pecado e da morte, inaugurando uma nova criação. Este acontecimento transforma radicalmente a nossa relação com Deus e o nosso entendimento do louvor. Mais uma vez, assim como não devemos fazer as perguntas grandes da vida como um abstrato, mas refletindo na nossa própria existência, ao nos debruçarmos sobre a Ressurreição de Jesus devemos considerar que foi para a minha salvação, para que eu possa ser libertado da morte, que Ele a venceu de uma vez por todas ao morrer na Cruz.

A manhã da Ressurreição, relatada no Evangelho de João (Jo 20), começa com a descoberta do túmulo vazio por Maria Madalena, seguida das aparições de Jesus aos discípulos. Este momento não é apenas uma confirmação da vida eterna, mas também uma revelação da presença contínua de Jesus na vida dos crentes. O louvor, portanto, ganha uma nova dimensão: não é apenas uma reação à grandeza de Deus na criação, mas uma resposta ao amor redentor de Cristo.

A Ressurreição não é simplesmente um acontecimento histórico; é o início de uma nova realidade. Somos convidados a participar da vida ressuscitada de Cristo, a viver a nossa fé com a confiança de que a morte não tem a última palavra. O louvor, então, não é apenas um ato de gratidão por um acontecimento do passado, mas a expressão de uma vida transformada pela graça. Como os discípulos que viram o Cristo ressuscitado, também nós somos chamados a viver na alegria pascal, sabendo que a nossa vida agora está unida à

de Cristo ressuscitado. **E tudo isto vivemos de novo sempre que celebramos a Eucaristia.** O espanto de Maria Madalena, a comoção dos discípulos de Jesus ao serem confrontados com o facto de que Cristo tinha vencido a morte e estava vivo, tudo isso vivemos nós – quem nos dera que com maior consciência, fé e devoção – sempre que celebramos a Missa.

LOUVAR, REVERENCIAR E SERVIR: A MISSÃO DO CRISTÃO

O princípio e fundamento da vida cristã, segundo Santo Inácio de Loyola, é que fomos criados para "louvar, reverenciar e servir a Deus" e, através disso, alcançar a nossa salvação. Este princípio mostra que **o louvor não é apenas um ato de adoração, mas um modo de vida que envolve a totalidade do nosso ser.** Louvar a Deus é reconhecer a sua soberania e bondade, reverenciar é aproximarmo-nos dele com respeito e humildade, e servir é seguir os passos de Cristo, especialmente no amor ao próximo.

Após a Ressurreição, Jesus não chama os seus discípulos a afastarem-se do mundo, mas a serem testemunhas da sua vida nova. Ele diz em oração ao Pai: "Não te peço que os retires do mundo, mas que os guardes do Maligno" (Jo 17, 15). **Esta frase revela que o louvor autêntico não nos separa da realidade, mas nos envolve profundamente na missão de transformar o mundo através do serviço.** O louvor cristão, então, encontra a sua expressão mais completa no serviço aos outros, especialmente aos mais necessitados.

Neste sentido, o Salmo 150 pode ser visto como um eco da missão que Jesus confiou aos seus discípulos: louvar a Deus em

todas as circunstâncias, reconhecendo que todas as coisas boas vêm de Deus, e ao mesmo tempo, levar este louvor para o mundo através do serviço. Este serviço é uma participação na obra redentora de Cristo, que nos chama a ser "sal da terra e luz do mundo" (Mt 5,13-14).

O ESPÍRITO SANTO: O INSPIRADOR DO LOUVOR

Com a Ressurreição de Cristo, os crentes recebem o dom do Espírito Santo, que transforma os corações e nos capacita a viver a nova vida em Cristo. O Espírito é o inspirador de todo o louvor, e é através dele que podemos verdadeiramente reconhecer a presença de Deus em todas as coisas. Ele é o "mestre da oração" (CIC 741) e nos ensina a ver o mundo com novos olhos, a perceber a beleza da criação e a bondade de Deus em todos os momentos.

Através dos dons do Espírito Santo, aprendemos a ver o mundo com os olhos de Deus. Santo Inácio de Loyola ensina que, com a graça do Espírito, somos capazes de "ver novas todas as coisas", reconhecendo a presença de Deus em cada ser. Isso transforma o nosso louvor em algo que abrange toda a nossa vida, uma contínua ação de graças por tudo o que recebemos.

Este louvor, como já dissemos, é vivido de maneira especial na liturgia, onde nos unimos a toda a Igreja e a toda a criação para louvar a Deus. A Eucaristia, em particular, é o ponto culminante do louvor cristão, pois é através dela que participamos no sacrifício redentor de Cristo e somos alimentados pela sua vida divina. Como os três jovens no livro de Daniel (Dn, 3), que louvaram a Deus mesmo no meio da fornalha ardente, **também**

nós saímos da fornalha do imenso amor do Senhor que é a Sagrada Eucaristia e somos chamados a louvar a Deus em todas as circunstâncias da nossa vida, certos de que, em Cristo, já vencemos o mal e a morte.

CONCLUSÃO: O LOUVOR QUE TRANSFORMA A VIDA

Em resumo, o Salmo 150 e a Ressurreição de Jesus convidam-nos a uma vida de louvor que não apenas reconhece a grandeza de Deus, mas que transforma o nosso coração e nos envia em missão para servir o mundo. Este é o verdadeiro sentido do louvor cristão, alimentado pelo Espírito Santo, que nos ensina a ver o mundo com os olhos de Deus: **um louvor que é vivido no dia-a-dia, nas pequenas e grandes coisas, como uma resposta ao amor infinito de Deus revelado em Cristo Ressuscitado.**

PARA DISCUTIR

Ao longo do meu dia, em particular das coisas que me correm bem, penso em Deus ou tenho tendência para achar que tudo depende de mim?

Quando rezo para que algo aconteça, e essa graça me é concedida, recordo-me de Nosso Senhor ou foco-me apenas em aproveitar o que aconteceu?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Pensa numa área da tua vida à qual te dedicas particularmente e, ao longo deste mês, compromete-te a rezar antes de começar (possível durante e depois) reconhecendo a presença de Nosso Senhor nesse momento.

Ir em equipa a uma Noite de Oração, pedindo perdão pelas vezes que não louvamos a Deus e agradecendo as graças que nos são concedidas no dia a dia.

PARA APROFUNDAR

- Catecismo da Igreja Católica, 2639
- Scott Hahn, *The Lamb's Supper: The Mass as Heaven on Earth*, Image, 1999
- Bishop Barron, *Resurrection and the New Creation*, Word on Fire, 2021
- Jeff Cavins, *The Great Adventure Bible*, Ascension Press, 2018
- Brant Pitre, *The Case for Jesus: The Biblical and Historical Evidence for Christ*, Image, 2016

PARA REZAR

Propomos rezar novamente o Salmo sobre o qual refletimos ao longo da reunião, não é uma gralha.

Sl 150,1 *Aleluia!*
Louvai a Deus no seu santuário;
louvai-o no seu majestoso firmamento!
2Louvai-o pelos seus feitos valorosos;
louvai-o por todas as suas grandes proezas!
3Louvai-o ao som da trombeta;
louvai-o com a harpa e a cítara!
4Louvai-o com tambores e danças;
louvai-o com instrumentos de corda e flautas!
5Louvai-o com címbalos sonoros;
louvai-o com címbalos vibrantes!
6Tudo o que respira louve o SENHOR!
Aleluia!

Salvador Dalí – Cristo de San Juan de la Cruz

10_Jun

MOVIDOS PELA GRAÇA

No caminho de fé que vamos fazendo, cada um de nós se depara com a dificuldade crescente em seguir os ensinamentos de Jesus, à medida que nos vamos afastando da infância, talvez por causa das responsabilidades, talvez por causa das feridas da vida. No entanto, apesar das dificuldades que enfrentamos, há sempre esperança para quem reconhece a sua pequenez. Assim aconteceu com David, que foi escolhido por Deus, mesmo sendo o menor de sua casa. Na realidade, para quem tem fé, não é a fraqueza ou a imperfeição que impedem de responder ao chamamento de Deus.

PARA COMEÇAR

Querida Mãe,

Tal como durante a vida acompanhaste o Senhor
E com Ele viveste, amaste e sofreste,
Assim Ele te recebeu no Céu em corpo e alma
Ao findar a tua existência terrena.
De coração participo na tua felicidade
E imploro para o mundo um destino semelhante.

Amen

GOVERNAR E SERVIR

Do Livro dos Juízes

Jz 9, 7Isto foi comunicado a Jotam. E ele foi colocar-se no cimo
do monte Garizim; ergueu a voz e gritou; depois, disse-lhes:
«Ouvi-me, senhores de Siquém, e que Deus vos oiça! 8As
árvores puseram-se a caminho para ungirem um rei para si
próprias. Disseram, então, à oliveira: 'Reina sobre nós.' 9*Disse-
lhes a oliveira: 'Irei eu renunciar ao meu óleo, com que se
honram os deuses e os homens, para me agitar por cima das
árvores?' 10As árvores disseram, depois, à figueira: 'Vem tu,
então, reinar sobre nós.' 11Disse-lhes a figueira: 'Irei eu renunciar
à minha doçura e aos meus bons frutos, para me agitar sobre
as árvores?' 12Disseram, então, as árvores à videira: 'Vem tu
reinar sobre nós.' 13*Disse-lhes a videira: 'Irei eu renunciar ao
meu mosto, que alegra os deuses e os homens, para me
agitar sobre as árvores?' 14Então, todas as árvores disseram ao
espinheiro: 'Vem tu, reina tu sobre nós.' 15Disse o espinheiro às

árvores: 'Se é de boa mente que me ungis rei sobre vós, vinde,
abrigai-vos à minha sombra; mas, se não é assim, sairá do
espinheiro um fogo que há-de devorar os cedros do Líbano!'
16Agora, pois, se agistes com boa intenção e com integridade
em proclamar Abimélec como rei, se procedestes bem para
com Jerubaal e para com a sua casa, se agistes para com ele
segundo o mérito das suas acções, 17enquanto meu pai
combateu por vós, expôs a sua vida, livrou-vos das mãos de
Madian, 18vós, hoje, levantastes-vos contra a casa de meu pai;
vós matastes seus filhos, setenta homens, sobre uma só
pedra, e proclamastes vosso rei Abimélec, o filho da sua serva
sobre os senhores de Siquém, por ele ser vosso irmão; 19se,
pois, agistes de boa mente e com integridade para com
Jerubaal e para com a sua casa neste dia, encontrai a vossa
alegria em Abimélec, e que ele encontre a sua em vós. 20Se,
porém, não é assim, um fogo sairá de Abimélec e há-de
devorar os senhores de Siquém e de Bet-Milo e há-de devorar
Abimélec.»

Do Evangelho Segundo São Mateus

Mt 16, 13Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a
seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os
homens que é o Filho do Homem?» 14*Eles responderam: «Uns
dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é
Jeremias ou algum dos profetas.» 15Perguntou-lhes de novo: «E
vós, quem dizeis que Eu sou?» 16Tomando a palavra, Simão
Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.»
17*Jesus disse-lhe em resposta: «És feliz, Simão, filho de Jonas,
porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o

meu Pai que está no Céu. [18]*Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. [19]*Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.» [20]Depois, ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Messias.

FALTA AINDA O MENOR

Parece tão fácil seguir Jesus quando somos mais novos. Basta um chamamento de alguém que reconhecemos ser fonte de Amor para que rapidamente mudemos o ritmo e o rumo do nosso andar. Dizem-nos "vem" e nós vamos, porque confiamos cegamente. Mas a maturidade traz com ela responsabilidades, projetos, sonhos e ideais de vida que nos parecem sempre tão importantes e imprescindíveis. Torna-se mais difícil responder a desafios: há tanto a perder, tantos planos que teriam de ser alterados, tudo torna-se tão *impossível* aos nossos olhos. E há também o pecado, as feridas do nosso coração, os ressentimentos para com Deus e os Homens. Assim, os convites de Jesus – que são sempre convites à radicalidade do Amor – parecem-nos desconexos com a nossa realidade e, sobretudo, com as nossas capacidades de resposta.

Contudo, para quem olha com atenção para a relação de Deus com a Humanidade ao longo da História da Salvação há ainda esperança. Porventura recordar-se-ão das palavras de Jessé: *falta ainda o menor* (1 Sm 16, 11). Quando o profeta Samuel, seguindo uma ordem do próprio Deus, procurava entre os filhos de Jessé aquele que era chamado a ser o Rei de Israel, fê-lo por critérios humanos de aparência e estatura e assim falhou em

encontrar o escolhido. Até que o pai daquela família reparou que não estava ali presente o *menor* dos seus filhos. Tratava-se de David, o jovem guardador de rebanhos, que com a graça de Deus viria a tornar-se o grande Rei de Israel.

Talvez possa ser esta a nossa resposta. Sabemos que Deus chama muitos homens e mulheres, vai ao seu encontro quando estão a guardar rebanhos, isto é, ocupados nas tarefas do dia-a-dia. Muitos rejeitam o Seu pedido. Também nós já o fizemos, até quando tínhamos mais condições para O seguir. Mas temos ainda (e sempre!) esta resposta: "Senhor, *falta ainda o menor*. Falto eu".

Esta mesma lógica está bem presente numa belíssima oração de oferecimento escrita pelo escritor francês Charles Péguy:

> *Se necessitas de virgens, Senhor, se necessitas de valentes sob o teu estandarte, aí estão Clara, Teresa, Domingos, Francisco, Inácio..., aí estão Lourenço, Cecília... Mas se, por acaso, alguma vez precisares de um preguiçoso e de um medíocre, de um ou outro ignorante, de um orgulhoso, de um cobarde, de um ingrato e de um impuro, de um homem cujo coração esteve fechado e cujo rosto foi duro..., aqui estou eu. Quando te faltarem os outros, a mim sempre me terás.*

Deus conta com os menores para a construção do Seu Reino. Deus conta connosco, humildes conhecedores das nossas fragilidades e feridas, para a missão da Sua Igreja!

TU ÉS O MESSIAS

Certo, somos os *menores*. Como podemos, então, acompanhar os passos d'Aquele que é maior do que todo o universo? O relato da confissão messiânica de São Pedro revela-nos que a missão deste Apóstolo torna-se possível quando o seu discurso volta-se para Deus, e não para si mesmo. Pelo menos durante alguns momentos, o coração de Pedro centrou-se exclusivamente na divindade de Cristo ("Tu és o Messias") e na Sua concreta presença no tempo ("o Filho de Deus vivo"). E só isso é suficiente para que Jesus transforme Simão em Pedro.

Jesus é bem claro quanto à proveniência de tamanha graça. Este momento de "esclarecimento" da identidade e natureza de Cristo é um dom do Pai, que pela Fé permite aos Homens que conheçam e acreditem em tudo o que Ele diz e revela (cf. Catecismo da Igreja Católica, §1814). Na dinâmica da Fé, ao encontro com a verdade sobre Deus ("Tu és o Messias") corresponde sempre o encontro com a verdade sobre nós próprios ("Tu és Pedro").

Havia certamente pessoas humanamente mais capazes de receber as chaves do Reino do Céu, (mesmo entre os discípulos), mas a solidez da fé de Pedro permitiu que a sua pequenez fosse transformada em pedra inabalável sobre a qual Cristo edifica a Sua Igreja. De facto, "quando o Senhor suscita uma vocação, não pensa apenas naquilo que tu és, mas em tudo aquilo que juntamente com Ele e com os outros poderás chegar a ser" (Papa Francisco, *Christus vivit*, 289).

Não é possível uma entrega total a Deus sem uma aposta firme na consolidação da Fé. A Esperança e a Caridade são imprescindíveis, mas "é pela fé que o intelecto apreende o objeto da esperança e do amor" (São Tomás de Aquino, Suma

de Teologia, I-IIae, q.62, a.4). Ou seja, precisamos do dom da Fé para saber verdadeiramente a quem se dirige a nossa esperança e caridade. Sem um destino bem conhecido e identificado, navegamos perdidos, mesmo que movidos por boa vontade.

É certo que a Fé exige uma relação de confiança com Jesus, e que muitas vezes ao longo da nossa vida podemos sentir que nos estamos a entregar a Alguém que não compreendemos por inteiro. É normal que assim seja: a Fé é a resposta do Homem à revelação divina, e todas as respostas humanas têm as suas hesitações e reservas.

Mesmo a Fé mais robusta é um processo demorado de consolidação da confiança em Deus, de permanente esforço de compreensão da Sua presença no meio de nós. E é bom que assim seja. Como nos disse o Papa Francisco, "as respostas fáceis anestesiam". Não há que ter medo da dúvida, pois "quem quiser fugir das incertezas da fé terá de suportar as incertezas da ausência de fé e nunca poderá dizer com certeza definitiva que a fé não é verdade".

MOVIDOS PELA GRAÇA

Já vimos como até os mais pequenos podem - movidos pela graça - tornar-se capazes de corresponder aos chamamentos de Deus. São Pedro, agora revestido de um novo nome e de uma nova missão, não demora muito até voltar a entrar na lógica meramente humana. Logo de seguida, Jesus anuncia pela primeira vez a Sua Paixão. Pedro repreende-O, rejeita qualquer ideia sofrimento e perseguição. Jesus não podia ser mais claro: "Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo,

porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!" (Mt 16, 23).

Deus é o incalculável. Ele não se encaixa nos planos de ninguém, nem desempenha o papel que por vezes Lhe queremos atribuir. *Movidos pela graça*, não nos focamos tanto no que Ele irá fazer, mas sobretudo no que Ele é ("Tu és o Messias"). *Movidos pela graça*, torna-se até possível falar da fé como uma *certeza*, a confissão de uma realidade que de facto aconteceu: Cristo *morreu, foi sepultado, ressuscitou, apareceu*.

PARA DISCUTIR

Acredito que a graça de Deus pode ultrapassar a minha incapacidade de Lhe responder? Acredito que Deus chama também os que são *menores*?

Procuro saber como Deus é, de verdade? Ou prefiro moldá-lo à minha vontade?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

Os Sacramentos da Igreja são os canais por excelência de comunicação da graça de Deus. Ser *movido pela graça* exige passos concretos em relação à vivência dos Sacramentos, à seriedade e frequência com que os vivo. Em equipa ou individualmente, penso num propósito concreto para viver melhor e/ou mais esta dimensão da vivência da Fé.

PARA APROFUNDAR

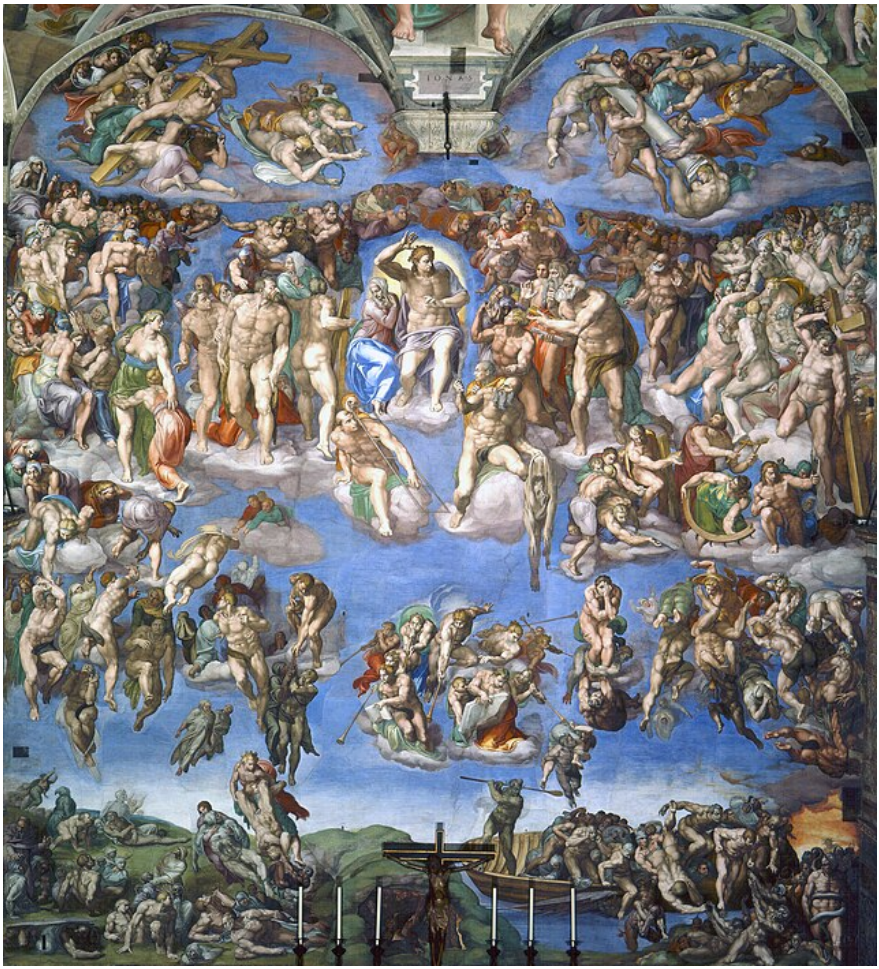
- Catecismo da Igreja Católica, 1814-1826.
- Papa Francisco, *Christus vivit*, 111- 130
- Papa Francisco, *Lumen Fidei*, 1-7
- Fr. Aquinas Guilbeau, op, *Faith*, Thomistic Institute https://www.youtube.com/watch?v=tl4_eMZoCNk

PARA REZAR

Atei os meus braços com a tua Lei, Senhor,
E nunca os meus braços chegaram tão alto.
Ceguei os meus olhos com a tua Luz, Senhor,
E nunca os meus olhos viram tão longe!
Só desde que Te dei a minha alma, Senhor,
Ela é verdadeiramente minha.

Por isso, hei-de subir até à Vida,
Despedaçando o corpo na subida.
Por isso, hei-de gritar, de porta em porta,
A mentira das noites sem estrelas;

Hei-de fazer florir açucenas nos meus lábios;
Hei-de apertar a mão que me castiga;
Hei-de beijar a cinza dos escombros;
Hei-de esmagar a dor
E hei-de trazer, aqui, sobre os meus ombros,
A tua cruz, Senhor!



Michelangelo – Giudizio Universale

11_Jul

BALANÇO

"As Equipas de Nossa Senhora existem para aqueles que querem procurar a santidade. Não há balanço sem consciência clara desta meta, sem a convicção do compromisso assumido e sem um reconhecimento do valor e da eficácia dos instrumentos e pedagogia colocados pelo Movimento ao nosso serviço. É Deus quem nos chama à santidade e este mesmo Deus nos ama com um amor de infinita misericórdia. Ele conhece a nossa fragilidade e as dificuldades que temos em levar a cabo o que nós próprios decidimos fazer. Alegremo-nos com as conquistas que Deus nos permitiu e, ao mesmo tempo, retomemos corajosamente os esforços em direção aos objetivos ainda não plenamente alcançados, confiantes que Deus sempre estará connosco."

Padre Henri Caffarel
Fundador das Equipas de Nossa Senhora

PARA COMEÇAR

Card. José Tolentino Mendonça, *Visite-nos, Senhor, a alegria*

Visite-nos, Senhor, a tua alegria.
Seja ela o dom que sustém
esta hora da nossa vida.

Tenha o poder de reedificar o caído,
de aclarar a tenda que a noite atribulou,
de unir aquilo que a tristeza ou o cansaço interromperam.

Seja ela o sinal da leveza com que nos vês,
a carícia que nos estendes no tempo,
o assobio que inaugura as tréguas.

Dá-nos Senhor, neste dia, a alegria como alento revitalizador.
Inscreva ela em nós o sabor da vida
abundante e multiplicada;
perfume cada um dos nossos gestos
com o outono dos frutos;
traga às nossas palavras a luz
com que as folhas douram e avermelham
os caminhos de uma repentina doçura.

Amen.

A NOSSA EQUIPA EM REVISTA

> *Se vocês quiserem encontrar-se com o Senhor, é preciso que se preparem para esse encontro. Toda revisão de vida supõe o recolhimento. Ele deve originar-se na humildade da oração e da súplica e perfazer-se em ação de graças. Revê, em primeiro lugar, a tua atitude e só depois a dos outros. Se dizemos: 'estas reuniões não me dão nada' é porque também não damos nada. Não venhamos à reunião para receber e sim para dar.*
>
> *Padre Henri Caffarel*

Os textos que se seguem são reflexões do Padre Caffarel sobre as equipas que constituem o movimento das Equipas de Nossa Senhora, a partir das quais as EJNS nasceram. São estas linhas nada mais, nada menos, do que excertos das cartas mensais que o fundador escrevia ao seu movimento, designando-se por isso de "Carta Mensal". São hoje para nós uma fonte de inspiração. De facto, as "intuições fundadoras" de um movimento são o solo fecundo em que enraíza a grande árvore em que ele se tornou, onde ele vai buscar alimento para viver e crescer.

TEXTO 1: POR DEUS

Que diversidade de intenções, no fundo do coração, em certas equipas! Um vem mais ou menos puxado pelo cônjuge e para lhe agradar; aquele casal, recém-chegado à cidade, fica feliz por nela fazer novos conhecimentos; outro decidiu-se "porque é preciso fazer alguma coisa"; encontramos também, muitas vezes, o caso do casal atraído pela esperança de encontrar um

certo apoio para a sua vida conjugal; e talvez mesmo, em certas cidades, seja de bom tom fazer parte das Equipas. E depois há aqueles que não têm intenção, que já não vêm senão por rotina, para não desgostarem os seus co-equipistas com a sua debandada. Pois eu digo-vos que nenhum destes motivos justifica a presença numa equipa. Alguns não são maus, mas nenhum é o verdadeiro, nenhum corresponde à razão de ser do Movimento. É normal que um ou outro destes motivos acompanhe o verdadeiro, mas nenhum deveria ser o motivo determinante. A única intenção verdadeira, a que corresponde à finalidade das Equipas, é a vontade de conhecer Deus melhor, de O amar melhor, de O servir melhor. **Vem-se para as Equipas por Deus e fica-se nelas por Deus.** O motivo da entrada e da permanência na equipa é religioso, ou seja, diz respeito a Deus. (…) A lealdade exige que os membros de um Movimento só entrem e permaneçam nele se a sua intenção corresponder ao ideal que o Movimento propõe. Como as nossas equipas seriam fortes, santificadoras e radiosas se todos os membros não entrassem nelas nem nelas se mantivessem senão por Deus.

Carta Mensal, dezembro de 1962

PARA DISCUTIR

- Somos animados por um desejo de santidade para nós e para a nossa equipa? Este desejo continua vivo e ativo em nós ou está inexistente e adormecido? De que forma pensamos poder despertá-lo?

- Por que entrámos nas Equipas de Nossa Senhora? Por que permanecemos?

TEXTO 2: REUNIDOS EM MEU NOME

As relações humanas são de tipos muito diversos: relações de parentesco, de camaradagem, relações mundanas, relações de amizade, etc. Cada uma tem a sua nota característica, a sua qualidade própria. Há outro tipo de relações humanas, estas especificamente cristãs. O que faz a sua qualidade excecional é o valor do que é posto em comum: não só pensamentos, gostos, sentimentos humanos, mas a vida espiritual. Cristãos que amam Cristo e confiam prodigiosamente uns nos outros a ponto de deixarem entrever neles a vida desse amor, as alegrias, os sofrimentos, as aspirações que ele gera. É isso que é tão impressionante: perceber em outros seres as vibrações da graça, os debates e os consentimentos de uma alma confrontada com a graça. E mais. A promessa de Cristo cumpre-se: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles". Acontece, por vezes, que a misteriosa Presença se manifesta: a paz, a alegria, a luz das trocas de impressões não podem ter outra explicação.

Não é essa qualidade de amor que explica a sedução exercida à sua volta pelas primeiras comunidades cristãs? "Vede como eles se amam!", admiravam-se aqueles que se aproximavam delas. A sua irradiação ainda hoje nos chega, vinte séculos depois. A ambição do nosso Movimento é instaurar no seio de cada equipa e de cada casal essa qualidade de relações humanas. Por vezes, é grande a tentação de se ficar apenas no plano da amizade humana, mas é preciso reagir incessantemente: a amizade cristã é uma conquista. Quantos, mesmo entre os melhores, passam a vida inteira sem fazer a experiência desta intimidade em Cristo: põem tudo em comum, tudo exceto o mais precioso, a sua vida com Cristo."

Carta Mensal, dezembro de 1954

PARA DISCUTIR

- Já sentimos, por ocasião de encontros nossa equipa, essa qualidade de relação de que o Padre Caffarel fala aqui? Como a explicaríamos?

- Temos alguma coisa a mudar para que consigamos sentir que a reunião é também um encontro com Cristo?

TEXTO 3: RETOMAR O FÔLEGO

No meio daqueles jovens reunidos na sala de um apartamento, está intensamente presente o Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um tal como ele é, com o que nele há de mau e de bom, e ansioso por o ajudar a tornar-se naquilo que Ele quer. Ele está ali como na tarde de Páscoa naquele Cenáculo de Jerusalém quando, de repente, apareceu a outros equipistas, os apóstolos. Soprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo". E eles tornaram-se homens novos. Jesus Cristo, no meio dos casais, não deixa de insuflar o seu Espírito. E aqueles que se abrem ao seu Sopro — algo que se aprende aos poucos — tornam-se os homens desse Sopro. E a reunião desenrola-se animada pelo Espírito. (...) O que acabei de dizer não é o que acontece sempre, mas é o que deveria acontecer. Porque uma reunião de equipa que não é, acima de tudo, esforço comum para reencontrar Jesus Cristo é uma coisa muito diferente de uma reunião de uma equipa de Nossa Senhora. (...) O pequeno grupo cristão é verdadeiramente uma célula da Igreja. Ora a célula vive da vida do corpo: em cada célula do meu corpo, toda a minha alma está presente e viva.

Da mesma forma, em cada célula da Igreja, em cada *ecclesia*, a alma da grande Igreja está presente, viva, impaciente por distribuir e desenvolver todas as suas virtualidades de santificação. Que salto em frente não dariam as nossas equipas se todas captassem plenamente estas perspetivas sobre a reunião mensal. E se as vivessem.

Carta Mensal, março-abril de 1973

PARA DISCUTIR

- Terá a nossa equipa alguns dos traços daquela comunidade cristã ideal? Esforçar-se-á, ao menos, nesse sentido?
- Passemos em revista as várias partes da reunião para ver como poderemos vivê-las à luz do que lemos (Para este propósito é bom revisitar a explicação das diferentes partes da reunião, p. 11)
- Por fim, podemos também interrogar-nos acerca da evolução da nossa equipa ao longo dos anos (sobretudo se esses anos já forem muitos) e interrogar-nos: no estádio em que estamos, que espera o Senhor da nossa equipa e de cada um de nós nela?

PARA O PONTO DE ESFORÇO

"Decididamente, a maioria de nós não sabe agradecer ao Senhor todo o bem que nos fez e que nos faz. Para agradecer a Deus, temos de exercitar a nossa capacidade de recordar. Não de relembrar, mas de recordar. Recordar vem do latim *recordare,* que significa voltar a passar pelo coração. Relembrar é voltar a passar pela memória. Aqui trata-se de recordar os benefícios de Deus e dar-Lhe graças por eles. Começando por dar graças pela própria vida."

Antes de entrar a sério nas férias, cada um recolher-se para entregar a Deus o ano que passou, dar graças e refletir: Por onde andei? Para que prioridades orientei o meu tempo? Essas prioridades vão mudar no ano que vem? Que graças recebi? Que lições aprendi?

PARA APROFUNDAR

- Timothy M. Gallagher, *A Oração do Exame*

PARA REZAR

Agora, Senhor, segundo a vossa palavra,
Deixareis ir em paz o vosso servo,
Porque meus olhos viram a salvação,
Que oferecestes a todos os povos:
Luz para se revelar às ações
E glória de Israel vosso povo.

Glória ao Pai e ao Filho
E ao Espírito Santo
Como era no princípio
Agora e sempre. Amen.

PARA IR MAIS LONGE...

A BÍBLIA É ESPANTOSA

Father Mike Schmitz, *A Bíblia em Dez Minutos*

A Bíblia é espantosa. Mas, por vezes, é confusa e difícil de ler. Isto porque não é apenas um livro, mas uma coleção de livros escritos ao longo de milhares de anos, em muitos estilos diferentes, todos inspirados por Deus e reunidos pela Igreja Católica na Bíblia. E nós gostaríamos de a ler, mas sem um mapa, é fácil perdermo-nos. Mas há uma narrativa em toda a Bíblia que conta uma única história: a história do plano de Deus para a nossa salvação. Quando entendemos essa história, podemos entender o contexto de cada livro da Bíblia.

A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Naturalmente, começa no início. Deus fala, trazendo toda a **criação** à existência, tanto a espiritual como a material. Todas as criaturas dependem de Deus como fonte do seu próprio ser em cada momento, incluindo a sua criação suprema, o homem. E, pela graça de Deus, **Adão** e **Eva** gozam de total confiança com ele, um com o outro e com toda a criação. O mundo é um reflexo ordenado do seu Criador, um paraíso de perfeita harmonia. Mas Satanás, um anjo rebelde, conta a Eva uma mentira astuciosa: que Deus pode não ser tão fiável e que

eles podem gozar a vida sem ele. Adão e Eva caem na armadilha, abrindo uma brecha entre eles e Deus, a fonte do amor e da vida. Isto é pecado. Sem Deus, há destruição e morte.

O resto da história conta o plano de Deus para nos salvar deste caos e para trazer a humanidade de volta a uma relação correta com Ele, através da obediência de uma mulher e do amor vivificante do seu Filho divino, que esmagará a cabeça da serpente.

Os descendentes de Adão e Eva vivem agora nesta relação ferida com Deus. O seu orgulho e desconfiança dão lugar à vergonha, à traição e à violência.

Deste caos, Deus chama **Abrão**. A visão de Deus para o mundo era uma grande família. Para conduzir a humanidade de volta à união consigo mesmo, Deus começa com uma única família. Mas escolhe uma família improvável. Na sua idade avançada, Abrão e a sua mulher não têm filhos e perderam a esperança de ter um herdeiro. Mas Deus pede a Abraão que confie que nada é impossível para ele. Milagrosamente, eles têm um filho. E Deus promete que, através desta criança, a sua família se tornará numa grande nação que um dia partilhará a bênção de Deus com o mundo. Surge uma linhagem de patriarcas, incluindo um chamado Israel, o homónimo do povo escolhido de Deus. E os seus filhos tornam-se os patriarcas das 12 tribos de Israel.

Mas, no meio do sofrimento que assola o mundo, uma fome obriga-os a abandonar a sua terra e os filhos de Israel são escravizados no Egito, onde reina a idolatria a falsos deuses. Deus ouve os seus gritos e intervém. Revela-se ao israelita **Moisés** e ordena-lhe que conduza o seu povo à liberdade. Moisés torna-se o mensageiro de Deus, falando para as trevas e chamando o seu povo para a luz. Deus, criador do céu e do

mar e de todas as criaturas da terra, tira o seu povo da escravidão, através da água, para a liberdade. E promete-lhes uma terra luminosa só para eles - um pedaço do paraíso. Mas apesar de Deus ter revelado o seu poder salvador e os ter libertado do Egito, eles trouxeram consigo a idolatria. Da mesma forma, quando veem a terra que lhes foi prometida, encontram nela inimigos. Certamente, isto não deveria ser um problema. Deus acaba de mostrar o seu poder sobre os seus inimigos. Mas eles ficam cheios de medo e não entram na terra. Em vez disso, vagueiam pelo deserto. Mesmo nesse deserto inóspito, Deus provê às suas necessidades e demonstra o seu amor por eles. Até habita com eles no Tabernáculo e ilumina o seu caminho. Após 40 anos de provações e crescimento, os israelitas voltam a entrar na Terra Prometida. Mas aqui, vemos o padrão que se repete em toda a Bíblia. Deus provou que eles podem confiar nele. Deu-lhes um caminho claro para a vida com ele. Mas o seu povo desvia-se e precisa que Deus o guie de volta. Uma e outra vez, e outra vez, e outra vez.

Esta desconfiança chega ao ponto de rejeitarem Deus como seu rei. Em vez disso, pedem um rei humano, como as outras nações à sua volta. Então, Deus dá-lhes o que eles pedem. Levanta o rei **David**, um homem segundo o coração de Deus, para devolver Israel a si próprio. Lembras-te da promessa de Deus a Abraão? Ele repete essa promessa a David: uma dinastia eterna. Mas, tragicamente, David, como toda a humanidade, está inclinado à tentação como resultado do pecado de Adão. Ele, e as gerações de reis que se lhe seguiram, caíram na corrupção, lançando sombras de idolatria e maldade por toda a nação, até que esta se rompeu.

Através dos **profetas**, Deus avisa o seu povo que corre o risco de perder completamente a sua terra. E assim acontece. Enfraquecidos, são conquistados por invasores e exilados.

Perdem a sua casa e o seu templo é destruído. Uma dinastia eterna parece impossível, quanto mais uma que abençoe as outras nações do mundo.

E, no entanto, Deus não abandona o seu povo. Usa os profetas para atrair os seus corações de volta para ele e promete-lhes um Salvador. Após 70 anos de exílio, Deus trabalha no coração de um rei estrangeiro que, contra todas as probabilidades, envia o povo de Deus para casa. Regressam, reconstroem Jerusalém e o templo. O seu número diminuiu e as potências mundiais vizinhas continuam a oprimi-los. Mas muitos agarram-se às promessas de Deus, lutando e morrendo pela sua fé. E agora, por mais pequenos que sejam, e por mais escuro que pareça, é altura de Deus cumprir a sua promessa. Desde o início, Deus tem conduzido o seu povo de volta à sua luz. Mas agora, ele próprio entrará nas trevas, através de uma pequena e improvável família descendente do rei David. Tal como uma mulher introduziu o pecado no mundo, agora Deus escolhe uma mulher para introduzir o seu poder salvador no mundo. Ela dá à luz um filho: Jesus, o Emanuel, Deus connosco. Jesus nasce num meio humilde. Cresce, é batizado e entra no deserto durante 40 dias, tal como fizeram os israelitas antes de entrarem na Terra Prometida. E então começa a sua missão: libertar os filhos de Deus da escravidão do pecado. Outrora, a presença de Deus habitava num tabernáculo, mas agora ele caminha no meio do seu povo, permanecendo com ele face a face. Realiza sinais e prodígios. Ensina, inspirando-se nos profetas e cumprindo toda a Sagrada Escritura que o precedeu. Procura os perdidos, os solitários e os abandonados. Chama-os para fora do pecado e para o seguirem. Jesus Cristo anuncia que ele é o caminho de volta à união com Deus e proclama a vida eterna através dele. Muitos seguem-no, mas outros insultam as suas palavras. Rejeitam-no, perseguem-no e crucificam-no. Os primeiros seres humanos afastaram-se de

Deus, a própria fonte da vida. O resultado foi a morte. Agora, Deus tornou-se humano e toma sobre si o aguilhão da morte. A fonte da vida morre. Mas a morte não pode conter o próprio Deus. E depois de três dias no túmulo, Cristo emerge, abrindo um caminho direto para a união com Deus. Muitos tornam-se testemunhas da sua Ressurreição e rejubilam em Jesus, o seu Salvador.

Esta parece ser a conclusão da história, mas na realidade é apenas o início. Jesus dá aos seus seguidores o poder do Espírito Santo e nasce a Igreja. Eles cumprem a sua missão. Tal como Jesus foi batizado, assim são também os que entram na Igreja, através da qual renascem na família de Deus. Esta é a dinastia eterna, que não está ligada à morte e que reina eternamente com Jesus no trono. A Igreja espalha-se até aos confins da terra, abençoando todas as nações, tal como Deus prometeu. E agora esta história chega até si. Talvez se sinta perdido e a sua vida seja caótica. Mas Deus convida-o a fazer parte da história que está a escrever. Deus quer iluminar a sua vida com esta história e conduzi-lo a uma relação com ele, página, página por página.

MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada
todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração,
Sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens,
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amen.